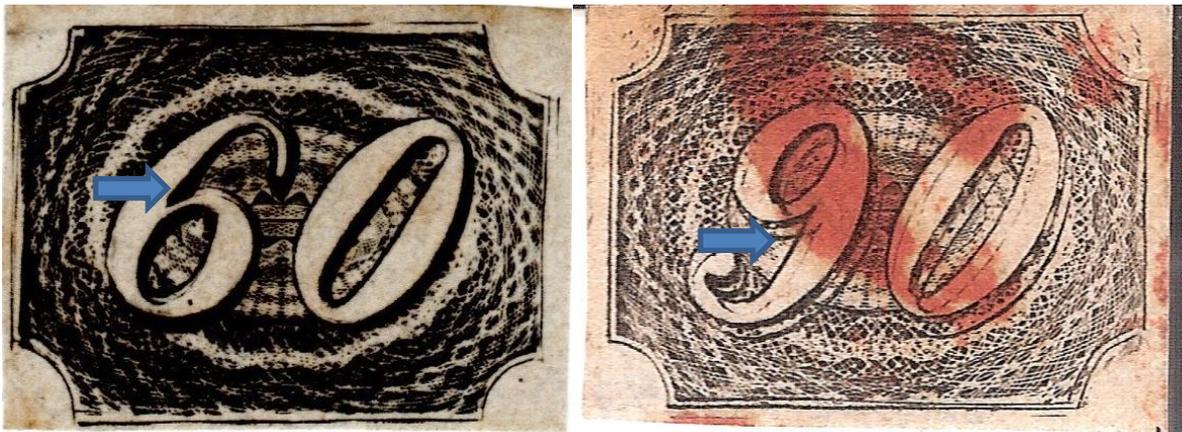


INCLINADOS DO BRASIL 1844-1846

TIPOS, PAPEIS E ERROS DE REGRAVAÇÃO

SLANTED NUMERALS 1844-1846

TYPES, PAPERS E REENGRAVING ERRORS



DENIS FORTE

Agradecimentos

Aos meus avós, Sarah e Betino, imigrantes incansáveis e que me deram além de várias lições de vida, os primeiros selos.

Aos meus pais, Léonie e Raymond, imigrantes, professores batalhadores, que me deram educação e oportunidades na vida para apreciar e valorizar a cultura.

À minha esposa Cristina companheira e apoiadora.

Aos meus filhos, Sophia e Edgar, que me motivam a seguir evoluindo.

Aos amigos filatelistas que ainda compartilho há mais de 30 anos e que me motivaram, em particular, aos ex-presidentes da Sociedade Philatelica, Ney Jorge e Mario Xavier Junior Sérgio Marques da Silva, Antonio Georges Eleftheriou, Miguel Rodrigues de Magalhães que sempre incentivaram que eu escrevesse, e ao Willian Chen que me incentivou a montar a coleção e sempre ir além. Ao José Luis Fevereiro pelas suas observações e análises, e a exemplos que se foram como Norberto Madler, Horácio Matos da Silva e José Pinho só para citar alguns dos mais conhecidos.

Aos inspiradores da obra, Everaldo Santos e Walter Gonçalves Taveira, que abriram as portas aos estudos dos inclinados nos tempos modernos e ao Paulo Comelli, infelizmente falecido após a primeira emissão desse trabalho, que se mostrou aberto a contribuir. Outro agradecimento póstumo, ao amigo João Roberto Baylongue, o eterno maior pesquisador de filatelia que já conheci. . E ao Pablo Reims, um dos maiores colecionadores de nosso tempo.

Estendo nessa edição, os agradecimentos a Brian Moorhouse, britânico precocemente falecido, e a Pascal Scheller francês, experts internacionais e a Karlheinz Wittig alemão e a William Kriebel norte-americano, pela divulgação da filatelia brasileira de alto nível pelo mundo e que muito contribuíram com meus estudos.

Ao amigo Mauricio M. Menezes que sempre apoiou a filatelia.

Ao Roberto Assef, Christoph Gaertner e Ariel Kwacz comerciantes e amantes de selos e Fernando Moreira um estudioso diferenciado. Aos recentes amigos da Filatelia, Abilio Antunes, Carlos Aldir, Eduardo Barreyra, , Paulo Lisboa, Rogrigo Baldassare e Ygor Chrispin,.A Febraf, SPP, FIAF, FIP, Filabras... e tantas que teimam em auxiliar a aproximação de filatelistas.

Também ao amigo de longa data Claudio W. Neumann que sempre me apoiou no colecionismo, ao Peter Meyer, Anisio Kader e Constantino Papazouglu, incentivadores a prosseguir nos estudos e ao Klerman Lopes jurado internacional, e de forma realmente diferenciada, Reinaldo Macedo, amigo filatelista que desbravou o mundo para divulgar a filatelia brasileira, e quem mais me incentiva a seguir. Amigos recentes, como Rodrigo Baldassare, José Renato e Antonio Hartz que seguirão pesquisando e publicando por certo como grandes filatelistas que são

O livro que iniciou esse estudo está registrado na Biblioteca Nacional para os direitos autorais, sob registro 465.641, livro 876, folha 376 protocolo 2009-RJ-9184. Direitos autorais do autor (fotos e texto) com permissão de cópia para estudos filatélicos desde que devidamente citada a fonte e crédito.

Prefácio

A atual versão do livro atende a um objetivo simples. Divulgar conhecimento. Filatelia é cultura. E especificamente, divulgar o selo Inclinado, de extrema importância na filatelia mundial, mesmo que não seja tão conhecido ainda.

Sou colecionador desde a adolescência e me especializei na série dos Inclínados desde 2001.

Meu livro sobre os “Inclínados do Brasil” de 2009 , conseguiu na Lubrapex 2009 medalha de Prata, e foi seguida por sucessivos artigos referentes ao assunto em meios filatélicos (SPP, Bull’s Eyes da American Philatelic Society, Revista da Fefibra e Arge Bresilien (Alemanha)) e apresentação da coleção em importantes eventos o que induziu a uma nova discussão do tema.

Entre a edição do livro em 2009, passando a Lubrapex de 2012 e o de 2018, os Inclínados do Brasil tornaram-se ainda mais relevantes na filatelia mundial. Prova disso foi a sucessão de leilões de casas reputadas com peças de alto valor dessa série, como Feldman, Spink, Corinphila, Gartner e Siegel e nacionalmente RHM e Neumann.

Espero que atenda assim o curioso, o estudante, o filatelista e o investidor, no objetivo da compreensão do que diferencia um selo e o torna um ativo especial, de reserva ou aumento de valor, além da paixão do colecionador. E que os filatelistas procurem não só pela raridade e valor os selos expostos, mas que compreendam como isso se liga à cultura do país.

Boa Leitura.

Sumário

Apresentação.....	9
Introdução	10
Os Inclínados.....	15
A série dos Inclínados.....	15
Os Valores	15
Os Tipos e Subtipos.....	15
Os Papéis e suas espessuras	16
A prova de fundo	16
Os papeis e seus graus de raridade.....	17
O 10 réis inclinado.....	18
O 30 réis inclinado.....	19
O 60 réis inclinado.....	20
O 90 réis inclinado.....	23
O 180, o 300 e o 600 réis inclinado	24
Chapa quebrada	25
Desgaste do oval interno.....	26
Imagens múltiplas.....	30
Ângulo superior direito duplo.....	30
Quadro múltiplo.....	31
Quadro e algarismos múltiplos	31
Reinserção de Algarismo	34
Tinta	34
Papel.....	35
Chapa riscada.....	36
Desgaste do oval Interno.....	36
Imagens múltiplas.....	36
Ângulo superior direito duplo.....	36
Quadro múltiplo.....	37
Quadro e algarismos múltiplos	37
Quadro múltiplo com desgaste de chapa.....	40
Papel.....	46
Algarismos retocados.....	49
“Calota”.....	49
Guillochi	51
Reinserção de algarismo e guillochi	52
Papel.....	53
Algarismos retocados.....	57
Algarismos e quadro retocados.....	58
Algarismos, quadro e guillochi retocados	59
Papel.....	59
Valores altos	61
Quadro duplo.....	61
Duplo Guillochi	61
Tipos anômalos?.....	62
Guillochi e marcas diagonais de passagem	63
Falsificação.....	63
Considerações finais	64
Referências Bibliográficas	64
Anexo	66

Índice de Figuras

Figura 1. Prova do Fundo da emissão dos inclinados.....	17
Figura 2. 10 Réis. Chapas quebradas na peça	25
Figura 3. 10 Réis. Progressão de quebra de Chapa	25
Figura 4. 10 Réis. Desgaste da parte do oval interno	26
Figura 5. Par 10 Réis. Ângulo inferior do selo de baixo distorcido.....	28
Figura 6. 10 Réis. Detalhe do selo e do ângulo distorcido comparado ao normal	28
Figura 7. Quadra 10 Réis. Lado superior do selo inferior direito distorcido	29
Figura 8. 10 Réis. Detalhe do quarto selo da quadra.....	29
Figura 9. 10 Réis. Ângulo superior direito duplo	30
Figura 10. Bloco de seis do 10 Réis. Ângulo superior direito duplo	30
Figura 11. 10 Réis. Quadro superior e inferior duplo.....	31
Figura 12. 10 Réis. Quadro, algarismos e elipse dobrados.....	31
Figura 13. 10 Réis . Quadro, algarismos e elipse dobrados e detalhes	32
Figura 14. 10 Réis. Quadro inferior triplo, algarismos e elipse dobrados e detalhes	32
Figura 15. 10 Réis. Impressão Dupla do algarismo 1 e tripla do quadro superior, e detalhes	33
Figura 16. Quadra 10 Réis. Marcas diversas de retoques.....	33
Figura 17. 10 Réis. Quadro duplo e sinal de posicionamento de início de impressão	34
Figura 18. 10 Réis. Reinscrição dos algarismos.....	34
Figura 19. 10 Réis. Impressões com guilochi empastado.....	35
Figura 20. 10 Réis em espessura diferente	35
Figura 21. 30 Réis. Risco abaixo do 0 e detalhe	36
Figura 22. 30 Réis. Desgaste do oval interno.....	36
Figura 23. 30 Réis, Ângulo superior direito do quadro duplo e detalhe	37
Figura 24. Par horizontal 30 Réis. Sem e com dupla impressão do quadro.....	37
Figura 25. 30 réis. Imagem dupla no algarismo e no quadro.....	38
Figura 26. 30 Réis. Imagem dupla nos algarismos e no quadro	38
Figura 27. Par vertical 30 Réis. Imagem dupla de algarismo e de quadro	38
Figura 28. Par vertical 30 Réis. Imagem dupla de algarismo e de quadro.....	39
Figura 29. 30 Réis. Imagem dupla de algarismos e quadros	39
Figura 30. 30 Réis. Imagem dupla do quadro	40
Figura 31. 30 Réis. Fase inicial de retoques.....	40
Figura 32. 30 Réis. Fase avançada de retoques	41
Figura 33. 30 Réis. Marcas diversas de retoques	41
Figura 34. 30 Réis. Algarismos e quadros com retoques de mesmas características	42
Figura 35. 30 Réis. Retoques por todos os lados dos algarismos.	43
Figura 36. 30 Réis. 2 Selos Tipo I com retoques iguais nos algarismos.....	43
Figura 37. 30 Réis. Dois selos de 30 Réis tipo I com retoques iguais no algarismo 3	44
Figura 38. Par horizontal 30 Réis. Com e sem dupla impressão de algarismo	45
Figura 39. 30 Réis. Impressão dupla de algarismo e de quadro	45
Figura 40. 30 Réis. Retoque do algarismo 3	45
Figura 41. 30 Réis. Retoque e falta de guilochi (falso? com retoques?).....	46
Figura 42. 30 Réis. Afinamento na perna do algarismo 3 no tipo I.....	46
Figura 43. 30 Réis Tipo I com excesso de tinta nos algarismos	46
Figura 44. Selo com pliê diagonal	47
Figura 53. 60 Réis Ila. Pliê diagonal	53
Figura 54. 60 Réis Ila. Pliê em papel amarelado grosso, ainda inédito.	54
Figura 55. 60 Réis IIA. Pliês e retoque de algarismo	54
Figura 56. 60 Réis Ila. Retoques em papel a ser estudado	54
Figura 65. 180 Réis. Imagem dupla de parte superior do quadro direito.....	61
Figura 66. 180 Réis com suspeita de dupla guilochi	61
Figura 67.300 Réis Normal e Indefinido.....	62
Figura 68.300 Réis Normal e Regravação com deslocamento e zero fantasma?.....	62
Figura 69.300 Detalhe do zero fantasma?.....	62
Figura 70.600 Réis com regravação no guilochi e marcas de passagem	63

Índice de quadros

Quadro 1. Composições das chapas do tipo 1 e 2 do 30 Réis.....	19
Quadro 2. Composições das chapas do 60 Réis	21
Quadro 3. Primeira chapa do 90 réis com os tipos I e II	23

Resumo

Colecionar selos é para a maioria dos praticantes um Hobby baseado na paixão. Em um outro ecossistema do mesmo tema, coexistem colecionadores especializados, peritos, leiloeiros, casas de leilão e fundos de investimento. O que diferencia esses mundos ? O Brasil é o segundo país a emitir selos no mundo, atrás somente da Inglaterra. Os selos do império do Brasil de 1844-1846, comumente denominados inclinados, constituem a segunda série de emissão desse país e apresentam os três selos individuais clássicos mais raros, portanto tem caráter histórico e global. Esse livro apresenta de forma sistemática, alguns dos defeitos de chapa encontrados e hipóteses sobre essa emissão. O objetivo é assim contribuir em um campo cultural histórico nos aspectos metodológicos, apresentando sistematização dos defeitos, apresentação gráfica e interpretação fenomenológica, além da contribuição ao acervo de pesquisa de novas raridades. De forma indireta, espera-se que este estudo contribua na expansão de colecionadores e de pesquisa a nível mundial, ao mesmo nível que a primeira emissão, dos conhecidos Olhos de Boi, e que aguce a curiosidade de novos colecionadores na sua incansável busca por novas raridades.

Palavras chave

Filatelia, Inclinados, Reincisões, Selos, império, Brasil

Abstract

Collecting stamps is for the majority of practitioners a Hobby based on passion. In another ecosystem from the same subject, coexist specialized collectors, experts, auctionners and houses of auctions, and investment funds. What differentiates this worlds? Brazil is the second country in the world to issue stamps second only to England. The imperial stamps of Brazil from 1844-1846, usually called slanted eyes (*inclinados*), constitutes the second series of issues from this country and presents the three individual rarest classical, therefore with historical and global character. This book presents in a systematic form, some of the plate errors found and hypotheses on this set. The purpose is therefore to contribute in a cultural historical field in the methodological aspects, presenting systematization of the errors, graphic presentation and phenomenological interpretation, besides the contribution to the portfolio of research of new rarities. Indirectly, this study contributes in the expansion of collectors and research in global level, at the same level

that of the first emission of the well known Bull eyes, reinforcing the curiosity of new collectors in their untiring search for new rarities.

Key Words

Philately, slanted eyes, inclinados, reentries, stamps, empire, Brazil

Resumé

Collectionner des timbres c'est pour la majorité des praticants un passe-temps fondé sur la passion. En un autre ecosysteme du même sujet, coexistent des collectionneurs spécialisés, des experts, des commissaires-priseurs et des maisons de ventes aux enchères et des fonds d'investissements. Le Brésil est le second pays du monde à émettre des timbres, après seulement l'Angleterre. Les timbres de l'empire du Brésil, de 1844-1846, normalement dénommés *inclinados*, constituent la deuxième série des émissions de ce pays et présentent les trois exemplaires classiques les plus rares, donc avec intérêt historique et caractère global. Ce livre présente de forme systématique quelques erreurs de planche rencontrées et les hypothèses pour cette série. Le but est donc de contribuer dans un champ culturel historique dans des aspects méthodologiques, en présentant la systématisation des erreurs. La présentation graphique et phénoménologique, sans compter la contribution à l'éventail des recherches de nouvelles raretés. Indirectement, cette étude contribue à l'expansion de collectionneurs et de recherche au niveau global, du même niveau que la première émission des bien connus Oeils de Boeuf, en renforçant la curiosité de nouveaux collectionneurs en leur infatigable quête de raretés.

Mots clefs

Philatélie, inclinados, re-entries, timbres, empire, Brésil

Apresentação

Nossa paixão pelos selos enseja muitas variantes. Muitos de nós, veteranos na Filatelia, tivemos as nossas preferências em mutação até nos fixarmos em uma ou outra área de interesse, enquanto outros optam por manter uma diversidade nos temas colecionáveis. Muitos apenas acumulam peças de seu interesse, alguns adoram exibir suas preciosidades em exposições e, infelizmente, são poucos os que se aventuram a publicar e compartilhar com os demais as suas descobertas. Essa é uma carência muito grande, notadamente na Filatelia Brasileira recente.

Temos um histórico de fantásticos colecionadores e expositores e muito do seu conhecimento se perdeu por falta de registro de imagens e publicação. Escrever intimida mesmo, muitos têm o receio de críticas, mas há que entender que não existe obra consolidada, definitiva. Muito do que se considerava como definitivo foi revisado com o tempo, mas cada informação adicional é um alicerce para o progresso do conhecimento.

Conheço pessoalmente o autor há muitos anos. Filatelista dedicado aos selos clássicos há mais de quatro décadas, colecionou seriamente Grécia, México, Nepal, Turquia e França, onde pontificou em exposições com excelente premiação. Quanto ao Brasil, dedica-se ao estudo da emissão de 1844, os Numerais Inclinados que, como bem enfatizou o nosso Grande Campeão Everaldo Nigro dos Santos, é “o maior desafio do filatelista de Brasil”. Sobre o tema tornou-se um dos nossos maiores estudiosos. Seu trabalho “Inclinados do Brasil 1844-1846 / Estudo sobre defeitos de Impressão” publicado em 2009 teve grande reconhecimento aqui e em exposições internacionais e desde então Denis Forte tornou-se a referência nos fóruns de debate filatélico sobre o tema.

O presente trabalho faz uma extensiva releitura e atualização do conhecimento sobre os tipos de numerais Inclinados e seus papéis, com ênfase no estudo detalhado das chapas de impressão e suas regravações. O estudo é baseado predominantemente em material acumulado pelo próprio autor.

Afiliado à Sociedade Philatélica Paulista, foi seu Diretor de 1988 a 1999 e Conselheiro da Federação Brasileira de Filatelia de 2012 a 2016. Em sua carreira profissional concluiu mestrado, doutorado e pós-doutorado em Finanças e Estratégia. Dedicado ao ensino, é professor pesquisador de programa de pós-graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie, liderando projetos acadêmicos de impacto na área de Educação Financeira. É também Conselheiro e Consultor de Empresas com longa experiência executiva, sendo a mais relevante a de CFO America Latina na McAfee.

Klerman Wanderley Lopes

Introdução

O Brasil é oficialmente o segundo país a emitir selos, apenas 3 anos após a precursora e adiantada Inglaterra, o que lhe confere uma dimensão internacional de destaque na esfera da filatelia. Diversos estudos foram feitos sobre as primeiras emissões brasileiras, tanto no Brasil, como internacionalmente, destacando-se os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha, mas muito pouco se comparado às primeiras emissões dos países europeus e das ex-colônias britânicas.

Existem estudos acadêmicos que buscam conhecer o hábito do colecionador, em particular, o colecionador de arte (escultura, pintura, etc). Outras áreas de colecionismo importantes como numismática, filatelia scripofilia entre outras têm recebido menos atenção, mas começaram a despertar interesse nos últimos 30 anos.

Em diversos ramos de conhecimento histórico, distingue-se perfeitamente o detentor das peças e o pesquisador, o que lhe confere suficiente distanciamento para ter acesso a maior número de peças sem conferir um viés de análise. Uma gloriosa exceção tem sido a filatelia, que muitas vezes permite ao colecionador que se especializa que detenha além do conhecimento a própria peça. Esta combinação torna mais difícil o aspecto de pesquisa neutra e compartilhada, pois diversos fatores humanos colidem, mas geram maior realização ao pesquisador na apreciação da combinação conhecimento e paixão.

Como homenagem e reconhecimento podem ser citados em ordem alfabética, alguns dos mais proeminentes colecionadores ou pesquisadores filatélicos da série de inclinados brasileira:

Aragão, Ayres, Benevides, Bopp, Burrus, Costa, Clerot, Comelli, Cruz, Emerson, Ferrari, Ferreira, Flatau, Guatemozin, Guinle, Klerman, Klocke, Kuyas, Lee, Lilly, Lima, Machado, Napier, Pracchia, A. Santos, E. Santos, Sobrinho, Taveira, Thut, Wittig.

Em mercados de informações restritas e de valor como a filatelia, mesmo na era da Internet, a obtenção das peças e de informações se dá graças a esforços pessoais dos próprios colecionadores, mas também dos diversos agentes que interagem, como os comerciantes, os leiloeiros, os clubes filatélicos e suas estruturas como bibliotecas, aos quais agradecemos e as versões midiáticas de trocas.

Assim, não podem ficar de fora os comerciantes nacionais que são ou que foram grandes conhecedores, responsáveis por localizar, identificar e transacionar as peças: Antunes, Anisio, Assis, Baylongue, Constantino, Fevereiro, Junges, Kader, Newmann, Meyer (R. e P.), Studart e Yang. E também comerciantes internacionais, como Bühler, Gronlund, Juchert, Mahé, Moens, Peleeheid, Pordo, e recentemente Corinphila, Feldman, Siegel, Spink.

Primeiramente estabelece-se um padrão de classificação de modo a orientar o colecionador que deseja iniciar na classificação antes de se especializar em procurar peças com características diferenciadas.

Estudos históricos obedecem alguns tipos de metodologia para serem aceitos e compartilhados. Pode-se partir de evidências e depois fazer inferências ou pode-se recorrer a possibilidades e se buscar as evidências. O primeiro possui a vantagem de se partir de uma realidade, por vezes discutível (por exemplo, uma cor diferente). O segundo traz grandes progressos científicos em diversos campos, e pode ter utilidade mesmo sem comprovação. No caso dos inclinados, algumas “verdades” surgiram por possibilidade ou probabilidade, e não se tem confirmação física (por exemplo, jamais se viu um xifópagos de 180-300-600 ou parecido, mas a partir das peças sobreviventes e de suas margens, foi sugerida uma interpretação).

O desafio é, portanto enorme, ao se deparar com uma peça histórica de mais de 170 anos e tentar identificar sua origem. De Guatemosin, passando por nomes como Clerot, Macedo e Santos e chegando a Taveira passaram-se 75 anos. Santos (1992) descreveu seu estudo como “o maior desafio do filatelista de Brasil”, e não exagerou. Ao juntar estudos esparsos e aprofundar a pesquisa entre comerciantes renomados e filatelistas de peso, Taveira (2001) conseguiu identificar com extrema lucidez a dimensão do problema dos inclinados e incentivou trabalhos como esse.

Taveira (2001) colocou em evidência, a partir de uma análise histórica, o que se conhece até então, referentes a papéis, tiragens, legislação e ilustrou com peças conhecidas com esforço de descrição e pesquisa. O objetivo deste estudo é recolocar algumas questões dos inclinados a partir de novas evidências localizadas e colocar alternativas aguardando novos avanços. Ressalto nesses esforços o colecionador e estúdios Iury Nobre, dedicado e apaixonado estudioso da série, com contribuições relevantes, como análises de pigmentos azuis na série e cronologia de uso a partir de carimbos. E não fosse Reinaldo Macedo, importante representante brasileiro na FIP, e grande amigo, esse trabalho talvez nem teria seguido até agora.

Tudo começa com um artigo de José Kloke, no famoso “O Philatélico” onde busca a origem das matrizes do Olho de Boi. Após pesquisas junto à casa Perkins, Bacon e Cia, constatou que “com efeito o material para os Olhos de Boi veio de Londres...Bastante chapas gravadas, ovais, círculos, vinhetas, algarismos, mas não as matrizes dos selos 30, 60 e 90 Réis”.

Em um artigo do Brasil Filatélico, Macedo (1950, p.39) os desmembra em “4 partes distintas que são a) o quadro; b) O centro que é um grão de café estilizado como o que já tinha sido o centro dos olhos de boi e circundado por um desenho de pontos pretos, c) a parte entre o quadro e o centro formado de um desenho distinto do centro e dele separado por uma parte mais clara, (pouco desenhada) que o circunda e finalmente d) o número sem declaração de quantia, não existindo outrossim, qualquer referência ao país”. Os papéis de diversos tipos já tinham sido descritos como papel grosso médio e fino, amarelado, cinzento ou azulado.

Assim percebe-se que apenas em relação aos papéis e tipos existem grandes possibilidades de estudo, pouco exploradas nos catálogos comerciais (apenas citados), mas já estudados por notórios colecionadores (Santos, Studart, Taveira, entre outros).

O colecionador é um incansável escrutinador de coleções, sites, catálogos, álbuns, classificadores em busca de elementos que destaquem aquele pedaço de papel e o torne especial em relação aos outros. A emoção de achar uma variedade no meio de vários selos comuns é compensadora para o filatelista, e muito mais se não tiver sido ainda classificada ou depurada.

Cabe ressaltar que as coleções clássicas cujos selos passam de 150 anos de existência continuam apresentando estas surpresas. Em 1999 foi “encontrado” na França o primeiro selo não emitido, uma Cères 40 Cts de cor Azul, emitido em 1849. Apenas naquele momento a documentação oficial corroborou o achado. E o que podem nos informar os inclinados a este respeito?

Um fato interessante para Taveira (2001, p.74), na segunda emissão de selos brasileiros é “o elevado número de reincisões que nela se encontram”. Para Macedo (1950, p 43), a reincisão se define da seguinte forma: “o reinciso se assemelha a uma dupla impressão e resulta da operação de confeccionar as chapas; é uma variedade que já se encontrava nas chapas antes de serem os selos impressos... É, portanto uma variedade.” Macedo caracteriza o retoque como “avivamento das linhas dos quadros e dos números, muitas vezes em posições diferente ... e passando dos limites das posições originais”. Ainda Macedo complementa: “com esta explicação, os reincisos são fáceis de se distinguir, pois se assemelham a um quadro duplo e algumas vezes triplos, o mesmo acontecendo com os números”.

No Brasil Filatélico (1979, p 30) um artigo emblemático de Clérot (1925) descreve “As impressões duplas ou “re-entries” nos selos de 1844”. Clérot inicia o artigo citando que várias vezes encontrou exemplares com marcas de impressão dupla parcial.

Dispõe que se encontram seja nos algarismos, seja nas linhas que limitam o campo da vinheta. E faz uma afirmação contundente: “...as chapas desses selos nunca foram retocadas.” Dois motivos para isso: o endurecimento do aço obtido por uma tempera especial à qual a chapa era submetida depois de ter recebido a gravura das vinhetas e por causa desse endurecimento, a não alteração posterior da chapa.” Aceita a possibilidade de aparecerem durante o processo de limpeza, marcas de esmeril, por exemplo. A principal alegação que a chapa não vinha da chapa ao papel é a presença de selos com as duplas imagens em pares com outros sem essa marca. “Esta alegação se deve ao fato de que no processo, seguiam-se os seguintes passos: 1) gravura inicial em aço maleável, com traços à mão das linhas do limite e o grão de café do centro, e depois os algarismos; 2) matriz negativa; 3) cilindro transferidor de aço maleabilizado (a gravura era reproduzida quantas vezes o cilindro comportasse em sua circunferência) 4) endurecimento da chapa. “

Taveira (2001, ps.74- 75) corrige Clérot, ao afirmar que as chapas eram de cobre e não aço. E avança então quatro possibilidades para a presença de reincisões:

- 1) O uso de retoques contínuos no cobre tende a expandi-lo de maneira não uniforme, gerando protuberâncias em suas superfícies.
- 2) A vibração da chapa empenada gera duplo contato com o papel em pontos específicos.

- 3) A sobreposição do papel em chapas com restos de tinta gerariam marcas no papel.
- 4) O papel muito fino se deslocaria, contrastando os selos em papel de olho de boi onde não se encontram essas duplas impressões.

Com base nas hipóteses acima, foram analisados elementos para discutir sua existência e as possibilidades acima descritas.

Havia dois tipos de estudo possíveis: o de apresentação por área de defeito, independentemente de seu valor ou por valor. O primeiro enfocaria o problema de gravação das peças e usaria o selo como ilustração, enquanto no segundo o selo é o destaque, sendo o defeito um sub-elemento. Diferentemente do enfoque da versão original desse estudo, de 2009, optou-se por focar os defeitos dos selos.

Em oposição ao desaparecimento de elementos da figura (como em certas chapas quebradas) podem vir elementos não pertencentes a ela. Se fortuitas, podem ser variedades menores, como o aparecimento de alguma sujeira no processo que desaparece sozinha, ou algum desgaste de material submetido à uma situação de estresse e que se recomponha sem intervenção humana. A histórica confusão nos inclinados vem da discussão do tipo de chapa usada, cobre ou aço. Como o segundo não permitiria retoques ou alterações de seu desenho, mas os filatelistas encontraram tais alterações em alguns exemplares, ficou a explicação da “dupla impressão”, que é o efeito visual no selo. Se existe uma dupla impressão (resultante de uma ou mais folhas que passem por um processo de impressão por mais de uma vez, como por exemplo, um toque extra em algum local do selo ou nele inteiro) ou uma reincisão, que provem de uma matriz que contém um elemento diferente do planejado inicialmente, que pode ter ficado de uso anterior da chapa alterada só se conclui com a existência de peças com defeitos repetidos e ou progressivos.

Uma última possibilidade de impressões com elementos diferentes se dá em caso de ensaios ou provas, quando ainda estão sendo estudados as diversas interações entre papel, matriz e tinta, e que podem apresentar os mais diversos efeitos visuais. No Brasil, não se guardou histórico de elementos anteriores ao processo de impressão definitiva, além do cunho do fundo guilochi (Taveira 2001, p 130). Neste estudo constam selos que poderiam se enquadrar nesta categoria, como um 180 réis novo e um 300 réis obliterado apresentados. O surgimento de exemplares como os 60 réis de papel estriado (Santos, 1992, p 4), inclinados de 10 réis em papel de olho de boi (Tavares p 100), ou os recém classificados tipo 2 do 60 réis (Jacques 2005, p 12-18 e RHM p80) que da primeira chapa, deve-se no mínimo ter cautela para se fazer afirmações a respeito de selos que apresentem algum grau de variabilidade, não os considerando simplesmente falsos ou ignorados, justamente pela falta de referencial histórico inquestionável e estudos definitivos da área. Afinal, sem depreciação alguma, muito pelo contrário, se existem ainda hoje defeitos de impressão nos correios modernos, o que dirão do Brasil com “z” de 1840? E ainda, se não acreditássemos em defeitos, como ser filatelistas?

Ainda na questão de como proceder à descrição do material em sua dificuldade pela inovação, procuramos referências mundiais e nacionais. Suarnet (1953) classificou os selos de 20 Cêntimos do império da França

separando retoques e variedades, sem lhes conferir maior explicação semântica, mas preocupado em conferir ao colecionador aspectos de análise das variedades estudadas. Santos (1988) apresentou elaborado requinte em sua análise da série brasileira dos selos de "Dom Pedro", principalmente em defeitos de chapa. Estabelecemos uma proposta inicial de classificação no que já existe considerando os catálogos especializados e estudos, mas também as diferentes variedades que foram encontradas.

Algumas adaptações foram feitas. Taveira (2001, ps. 77, 78 e 139) apresenta alguns selos do 30 réis inclinados como sendo de "Dupla Impressão". A dupla impressão por definição ocorre quando há duas vezes a pressão do cilindro no papel. O desenho dobrado que algumas vezes ocorre no inclinado em nossa opinião, se deve ao processo de regravação da chapa. Independentemente de se tratar de reincisão ou dupla impressão, a escassez de inclinados em quantidade remanescentes até nós faz com que algumas destas peças tenham elevado grau de raridade, como os selos de 180 e 300 Réis com defeitos únicos até agora e os 90 Réis que pertenceu a um colecionador alemão até ser vendido pela empresa Corinphila. A escassez de selos em grande quantidade neste tipo de estudo fez com que se optasse por selos de qualidade muitas vezes inferior ao que gostaríamos, mas importantes para a fundamentação do estudo. Mesmo que mais caro, a origem do material em grande parte é de estoque histórico nas mãos de comerciantes renomados e colecionadores de porte.

Os Inclinados

A série dos Inclinados

Os Valores

A primeira série de selos brasileiros é a conhecida série denominada Olhos de Boi. Emitida em 1843, tem os valores 30, 60 e 90 réis. São mundialmente conhecidos e colecionados, uma vez que são a segunda emissão filatélica do mundo, atrás apenas dos primeiros selos britânicos de 1840, Penny Black e Two Pence Blue.

A série dos Inclinados surge menos de um ano depois dos Olhos de Boi em Julho de 1844.

Primeira data de Circulação (18/07/1844)



Em sobrecarta de Santa Catharina para Porto Alegre

A serie é composta pelos valores 10, 30 , 60 , 90, 180, 300 e 600 réis. Os motivos para a substituição são pelo menos dois. O custo bem menor com um papel bem mais fino e estampa cerca de um quarto do selo Olho de Boi, e a maior dificuldade de reutilização eventual, em caso de fraude postal.

Importante saber que uma carta de porte simples pagava 60 reis localmente. Uma carta no reino Unido pagava 1 Pence, ou 1 centavo de Libra. Dependia do peso, basicamente. As cartas internacionais estavam sujeitas a acordos, mas de forma simplificada, pagavam em porte simples marítimo 120 reis e também variavam com o seu peso.

No período entre o início do Olho de Boi e o último dos Inclinados a moeda brasileira sofreu forte depreciação em dólar (-27,45%) e forte inflação (37,35%) em apenas 5 anos. Per se já justificaria portanto os valores nominais maiores. O uso do 180 réis, e principalmente, do 300 e 600 Réis é bem raro em cartas.

Os Tipos e Subtipos

Um dos grandes atrativos da série é a existência de tipos e subtipos nos diferentes valores.

O 10 Réis é o único sem tipo diferenciado, até agora.

O 30 Réis existe no tipo I e II. O 60 Réis, no tipo I e II e no subtipo IIa.

O 90 Réis, no tipo I e II e no subtipo IIa.

O 180,300 e 600 nos tipos I e II.

Os Papéis e suas espessuras

Uma das características importantes usadas na classificação é o tipo de papel, que pode ser o papel remanescente do Olho de Boi (Branco ou amarelado e mais fibroso, de gramatura fina, média ou grossa) ou o fino amarelado ou acinzentado, com ou sem pigmentos azuis. Segundo Taveira (2001), os primeiros seriam de origem nacional enquanto os outros teriam vindo da empresa Perkins & Bacon fornecedora britânica.

Todos os selos foram emitidos sobre a base de um fundo comum. Seu desenho é harmonioso e busca dar a impressão de terceira dimensão do valor sobre o fundo. A quantidade de detalhes da emissão visava dificultar qualquer tentativa de falsificação.

Um dos grandes interesses da emissão é a presença de defeitos bem visíveis na impressão.

Há controvérsia na questão da regravação da chapa, se total ou parcial, o que teria causado as diversas marcas duplicadas no quadro, nos dígitos ou em ambos.

A troca de chapa pode ter sido provocada por quebras e defeitos, que podem ter surgido em uma ou mais posições da chapa, o que ainda dificulta o cruzamento entre o tipo de defeito e a cronologia do retoque. São necessárias peças grandes com defeitos e datas de carimbos ou combinações com papéis para se efetuar este cruzamento com precisão. Este estudo se limita, portanto a demonstrar apenas os defeitos encontrados, sugerindo-se aos próximos pesquisadores o cruzamento descrito.

O 10 Réis é sempre emitido no papel fino com pigmentos azuis. Existe um exemplar reportado em Taveira (2000) de espessura 60 micra, classificado no papel médio amarelado do olho de boi.

O 30 Réis existe no tipo I (papel fino e médio do olho de boi) e II (papel fino). Existem raríssimos exemplares do tipo II em papel médio do olho de boi reportados.

O 60 Réis, no tipo I (papel fino e médio do olho de boi) e II (papel fino e médio do olho de boi) e no subtipo IIa (fino). Já encontrei o IIa com gramatura de 65 micra. E o II num papel grosso do olho de boi.

O 90 Réis, no tipo I e II e no subtipo IIa.

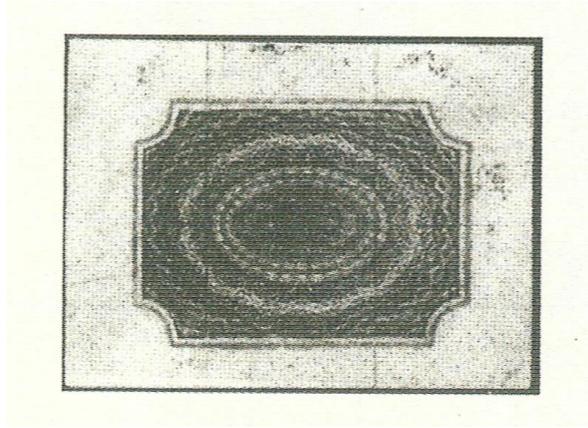
O 180,300 e 600 nos tipos I e II (muito raros e ainda não catalogados).

O autor propõe a classificação simplificada no anexo. O papel Branco (B) ou Amarelo (A). Quatro tipos de espessura média, com mais ou menos 5 μ : espessura média 45 μ , 60 μ , 70 μ ou 80 μ . Estão anotados os que têm ou não pigmentação, para referência futura.

A prova de fundo

Seguindo-se aos olhos de boi, numerais estilizados sobre um fundo com desenhos entrelaçados, os inclinados são ainda mais elaborados e difíceis de serem falsificados. O fundo é bastante elaborado, sendo a mesma base para todos os valores da série, como pode-se notar pela figura 1 abaixo:

Figura 1. Prova do Fundo da emissão dos inclinados



O desenho da figura 1 apresenta os seguintes elementos:

- um quadro externo preto, delimitado por um duplo quadro chanfrado nos ângulos e de interior branco;
- uma primeira ornamentação de uma corrente circundando a elipse;
- uma segunda ornamentação branca ondulada como uma coroa por volta das elipses centrais;
- As elipses centrais, espaçadas entre elas;
- O centro com um pequeno desenho de fundo.

Sua aparência é praticamente simétrica, com pequena diferença no fundo entre as duas metades. Este detalhe é fundamental para diferenciar os tipos um e dois do 30 Réis, por exemplo, que surgiram da inversão da chapa de base.

Para futuros efeito de localização e classificação do defeito, quando necessário sugere-se o uso do desenho como base (Quadro externo, corrente, coroa, elipse externa, elipse interna, desenho central).

Os papéis e seus graus de raridade

Os papéis encontrados na emissão dos Inclinados são:

- 1) Papel de Olho de Boi fino (50μ) e médio ($> 60 \mu$) nas emissões iniciais,
- 2) Papel Fino Acinzentado ou Amarelado de $45 - 50 \mu$ de espessura, com e sem pigmentos azuis

O papel fino acinzentado e amarelado pode ou não ter pigmentos azuis. Especula-se que sejam de calandragem diferenciada e que foram usados mais especificamente com os inclinados de 10 Reis, os últimos a serem impressos.

Taveira (2000) também identifica um papel “estriado”.

Como o papel de Olho de Boi estava se esgotando, não existem muitos inclinados com papel olho de boi.

Foram basicamente impressos o 30 Reis tipo I, 60 Reis tipo I e tipo II e o 90 Réis tipo I e tipo II.

Como raridades confirmadas são reportados poucos exemplares de 30 Réis tipo II (fino e médio do ODB), e raríssimos exemplares do 60 Reis tipo II (papel grosso do olho de Boi (acima de 90μ)) e do 60 Tipo IIa.

Taveira (2000) identifica um 10 Reis com 65μ . Também encontramos 1 exemplar com essa micragem anormal, mas no papel dos inclinados, o que é muito superior de sua espessura normal e portanto uma raridade.

O 10 réis inclinado

Tipo único papel fino



De acordo com Taveira (2001, p 108), o selo de 10 Réis da série dos Inclinados do Brasil foi o último na cronologia a ser emitido dos 7 valores, em 1846. Foi emitido em folha de 153 selos, de 9 selos horizontais por 17 verticais. Segundo Guatemosin (1926) existiriam pelo menos 4 chapas, tendo Taveira (2001, p 58) enumerado 7 ordens de retoque. Em relação ao tipo de papel usado, há consenso que foi emitido nos papéis A (fino acinzentado 45 micra) e A1 (fino amarelado 45 micra). Ainda há controvérsia da existência no papel C (remanescente do olho de boi de 60 a 65 micra), mas já constam alguns poucos exemplares em estudos (Taveira, 2001, p 99). Sabe-se que os inclinados de 10 Réis foram impressos no papel com pigmentos azuis (RHM 2019, p. 80).

O 10 Réis até o presente momento é o único da série que não apresenta outro tipo ou sub tipo classificável.

O 30 réis inclinado

Tipo I Papel Olho de Boi



Tipo I Papel Fino



Tipo II papel Fino



Comumente o tipo I se diferencia do tipo II por verificar o “bico” do 3. Se estiver afastado é o tipo I. Se encostar na elipse é o tipo II.

O selo de 30 Réis traz uma curiosidade impar em seu bojo. Existem dois tipos consecutivos e diferentes, sendo o segundo baseado na inversão do chamado “grão de café” de base. A constatação da existência de dois tipos de selo de 30 Réis se deve a Thut em 1934, e a constatação que o segundo tipo apresentava guilochi invertido se fez por ele mesmo em 1939 (TAVEIRA, 2001 p 54). Taveira (2001, p. 60) cita 6 ordens de retoque. Tentaremos na seqüência do capítulo apresentar o que consideramos a hipótese sustentável para este segundo tipo, embora mantendo a estrutura do trabalho como um todo.

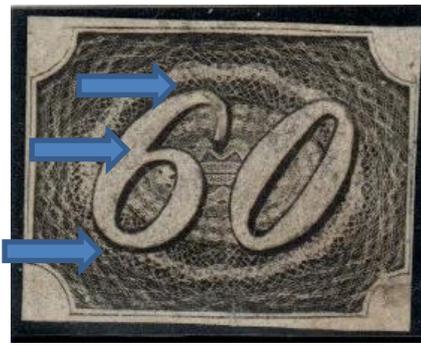
Quadro 1. Composições das chapas do tipo 1 e 2 do 30 Réis.

I	I	I	I
I	I	I	I
I	I	I	I
I	I	I	I
I	I	I	I

II	II	II	II
II	II	II	II
II	II	II	II
II	II	II	II
II	II	II	II

O 60 réis inclinado

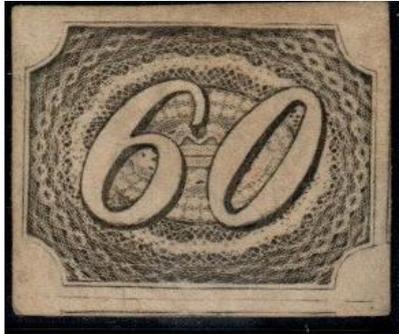
Tipo I papel fino



Tipo II papel fino



Tipo IIa papel fino



Tipo I papel Olho de Boi



Tipo II papel Olho de Boi



Tipo IIa papel Olho de Boi

Foi também em 1939 que houve percepção de um segundo tipo do selo de 60 réis, desta vez por Emerson (TAVEIRA, 2001, p 54). Jaques (2005) baseada em análises dos diferentes selos do chamado tipo II, aventava a possibilidade de um terceiro tipo, que seria o tipo 2 da primeira chapa, conforme o quadro 2. Em 2019, Fevereiro (RHM 2019) classifica o tipo 2 e 2a no catálogo. Sua contribuição se baseia na existência do tipo 1 e tipo 2 inicialmente, e depois no tipo 2a. Forte (2020) encontra um exemplar ainda não classificado, que amplia as fases da impressão desse selo. Inicialmente, o 60 foi impresso em papel olho de boi os tipos 1 e 2. Depois foram impressos em papel fino dos inclinados tipos 1, 2 e chapas do 2a. A existência de 2a em papel olho de boi pelo autor levanta a tese que estavam terminando de usar o estoque de papel dos olhos de boi e passando a usar os papeis finos de inclinado, no momento de alteração do tipo 2 para 2a. Essa troca foi extremamente curta, dada que são muito raros os exemplares conhecidos até o momento de 2a em papel olho de boi, como também de 1 e 2 nos papeis finos.

Diferentemente dos selos de 30 Réis, houve coexistência na mesma chapa de dois tipos, conforme imagem abaixo, e desta vez não houve inversão do “grão” de suporte. Já a segunda chapa contou apenas com exemplares do tipo II. Nos selos de 60 Réis, Taveira (2001, p. 62) cita 6 ordens de retoque.

Quadro 2. Composições das chapas do 60 Réis

I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I
II								
I	I	I	I	I	I	I	I	I

O 90 réis inclinado

Tipo I papel Fino



Tipo II papel Fino



Tipo II papel olho de Boi



De tão complexo esse selo que Santos (1992), o filatelista de maiores premiações internacionais do Brasil declarou que o estudo do 90 Réis é para “Diplomados” em filatelia.

O 90 réis apresenta pelo menos 2 tipos e um subtipo. Suas chapas são ainda mais controversas, pois a primeira é mista dos dois tipos (conforme quadro 3 abaixo) e descoberta por Emerson em 1939 (TAVEIRA, 2001, p 54).

Quadro 3. Primeira chapa do 90 réis com os tipos I e II

I	I	I	I
II	II	II	II
I	I	I	I
II	II	II	II
I	I	I	I
I	I	I	I

A primeira chapa apresenta selos no papel de Olho de Boi e papel fino.

A incógnita é a segunda chapa de transição chapa de configuração no quadro 4 (ampliada na figura 57).

Quadro 4. Composição do Bloco emblemático

IIa	II
IIa	I
IIa	II
IIa	I
IIa	IIa
IIa	IIa

O papel encontrado é sempre fino, cinzento ou amarelado. Um exemplar extra fino também foi encontrado.

A existência de um exemplar do tipo IIa em papel de Olho de Boi (Taveira (2001, p106) também corrobora para a tese de que se trata de uma impressão intermediária, e não de uma chapa per se.

Por fim, a segunda chapa definitiva apresentava apenas um tipo diferente dos dois primeiros pela presença de um traço, que se admite ainda ter se tratado de acidente de buril (quadro 4). Não constam no papel Olho de Boi, apenas em papel fino, justificando a tese que é posterior.

Quadro 5. Segunda chapa do 90 Réis com o tipo IIa

IIa	IIa	IIa	IIa
IIa	IIa	IIa	IIa
IIa	IIa	IIa	IIa
IIa	IIa	IIa	IIa
IIa	IIa	IIa	IIa

O 180, o 300 e o 600 réis inclinado

Alguns estudos recentes foram conduzidos para analisar os defeitos dos valores mais altos da série, inclusive do próprio autor nos boletins da Sociedade Philatelica, no Arge Brasilien e nas edições bilíngues da Revista da Fefibra. A dificuldade em se obter quantidade desses selos dificulta a classificação objetiva dos defeitos nesses valores.

Existem entretanto alguns enigmas ligados a esses que precisam maior aprofundamento, dos quais destacamos apenas alguns conhecidos:

- um exemplar enigmático do 180 reis novo com regravação de chapa;
- um 180 com pequena regravação de canto dobrado;
- 300 que parece uma prova;
- 300 de tipo diferente;
- 600 de tipo diferente;

A primeira curiosidade dos selos inclinados de 300 Réis inicia-se com sua confecção diferenciada. De acordo com Taveira (2001, p. 70) “em 1982 Rolf H.Meyer descobriu que o valor de 300 réis foi aplicado sobre o fundo (guillochi) em posição invertida em relação aos valores de 180 e 600 réis.

E sua própria emissão estaria ligada aos outros dois, em chapa de 153 selos dispostos em 3 fileiras verticais de 17 exemplares por valor, na ordem do 180, 300 e 600. Como nunca se encontrou um 300 réis que tivesse alguma linha de contorno de chapa, e já se encontraram 180 com linha à esquerda e 600 com linha à direita, não se pode negar tal pressuposto. Embora não seja o único caso do clichê invertido (o 30 réis apresenta um dos tipos diferente do outro por esse motivo), intriga em uma mesma chapa esta inversão.

São classificados portanto dois tipos de 180, 300 e 600 inclinados, embora o catálogo RHM (2019) só apresente um.

Todos os conhecidos em papel fino.

Chapa quebrada

Embora tenham aparência diferente, estes dois selos de 10 réis (figura 2), apresentam um traço horizontal à direita em posição similar, no final superior do zero. O exemplar da esquerda mostra um risco tênue, enquanto o exemplar da direita mostra um risco mais marcado. De acordo com Santos (1988, p.193), a diferença entre a quebra de chapa e um risco é a sinuosidade e estágios de fratura. A classificação não é evidente pois embora várias características mostrem similaridades (apontadas com setas menores), existem ainda diferenças entre os selos como o quadro dobrado superior apenas no exemplar à esquerda, como mostra o detalhe. Uma vez que os traços apresentados não apresentam sinuosidade, mas apresentam diferenças de largura e principalmente de extensão, fica justificada a caracterização da chapa quebrada.

Figura 2. 10 Réis. Chapas quebradas na peça

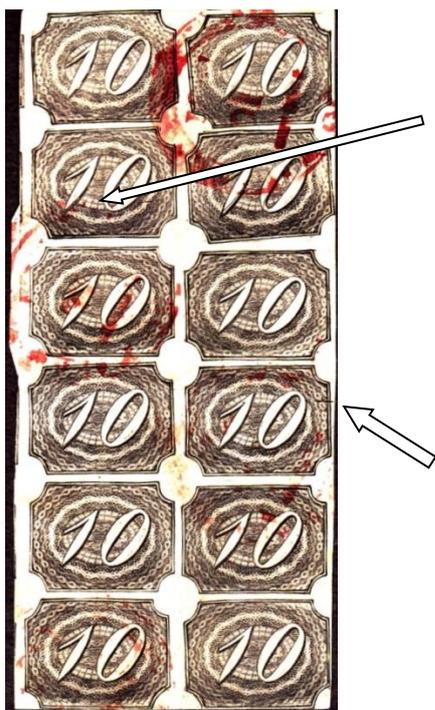
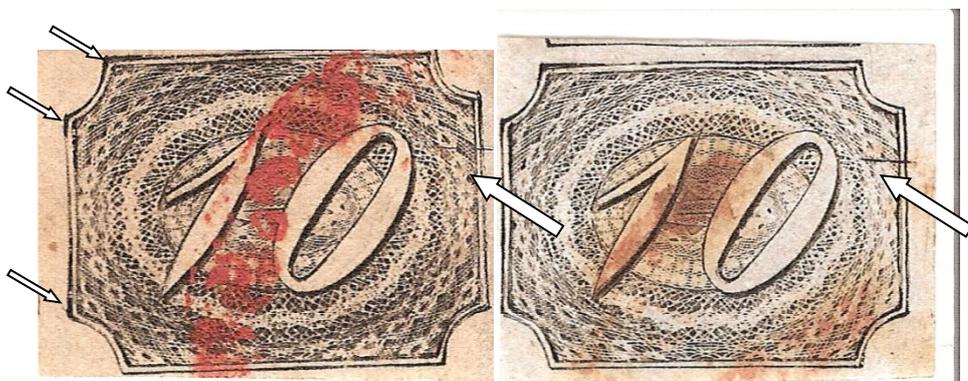
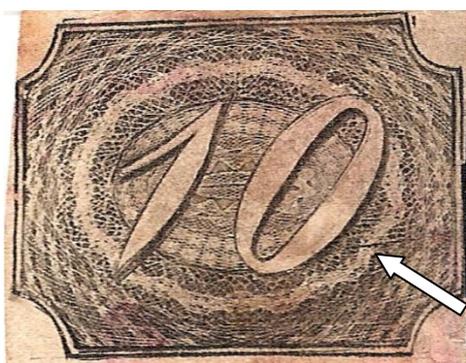


Figura 3. 10 Réis. Progressão de quebra de Chapa

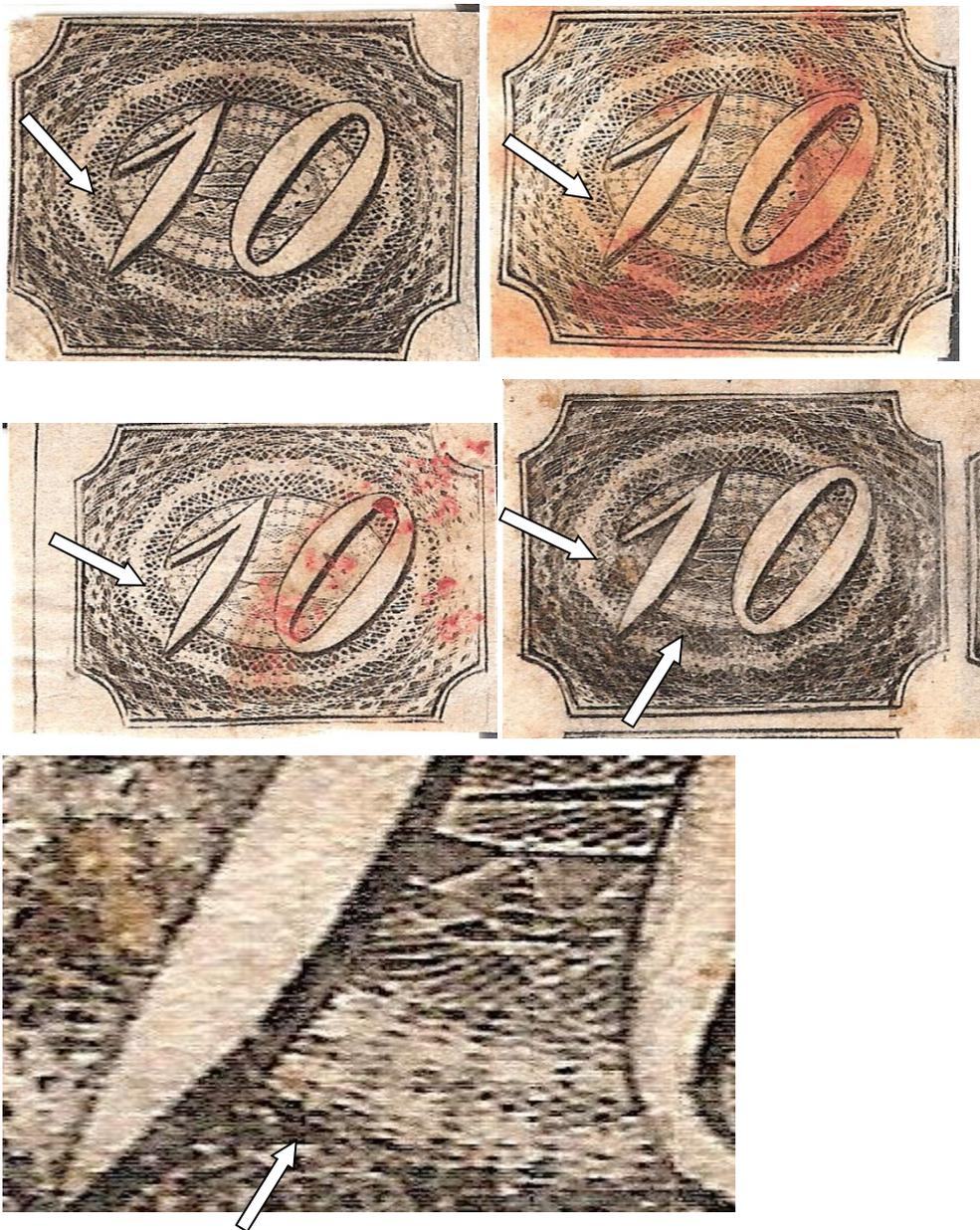




Desgaste do oval interno

A ausência de elementos de impressão também podem ser indícios de quebra de algum aspecto da chapa ou deterioração. O desgaste de parte do oval interno, por exemplo, se deve provavelmente devido à deterioração da chapa (figura 4).

Figura 4. 10 Réis. Desgaste da parte do oval interno



Alteração da propriedade física da chapa

O par abaixo (figuras 5 e 6) apresenta uma inusitada alteração na geometria do selo, uma distorção no seu quadro inferior esquerdo, muito visível quando comparada ao selo superior do próprio par, com um ângulo bem mais aberto sem que haja rompimento do ângulo.

Figura 5. Par 10 Réis. Ângulo inferior do selo de baixo distorcido

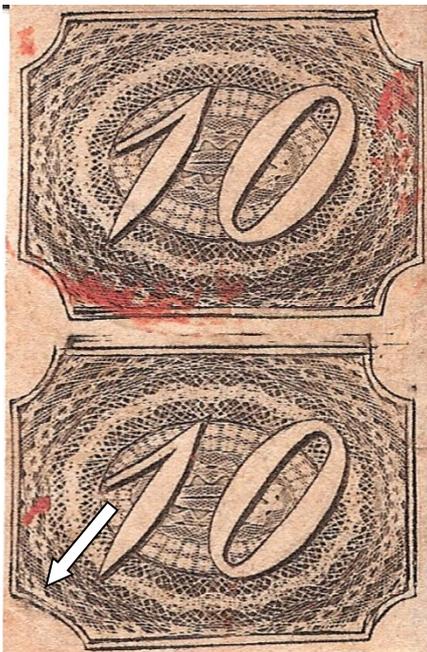
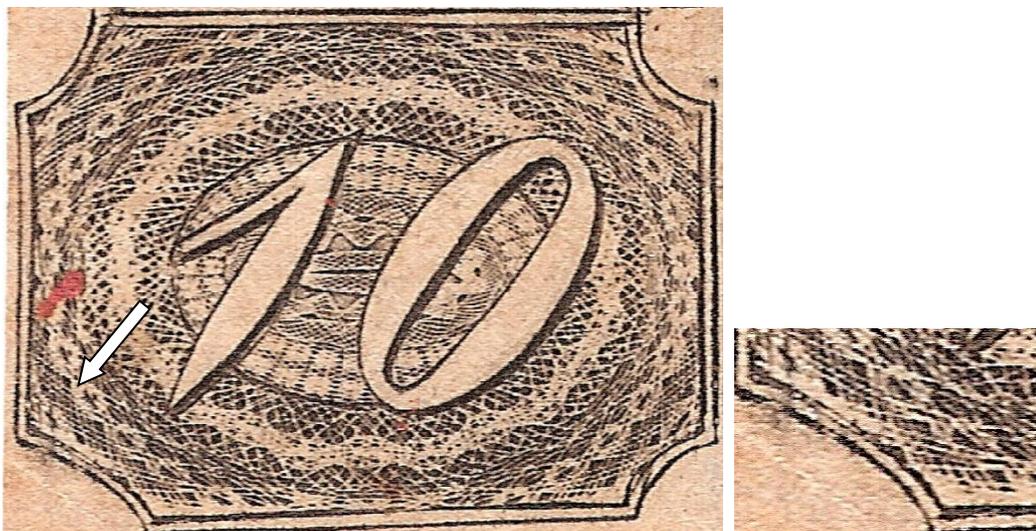


Figura 6. 10 Réis. Detalhe do selo e do ângulo distorcido comparado ao normal



A quadra da figura 7 abaixo, destacada na figura 8 apresenta outra situação similar. Embora alinhado ao selo de seu lado em baixo, percebe-se que o quadro superior tem um desnivelamento forte. Além disto, o selo ainda apresenta marcas de retoque nos algarismos. A quadra possui o primeiro selo ainda com um pliê no selo superior esquerdo.

Figura 7. Quadra 10 Réis. Lado superior do selo inferior direito distorcido

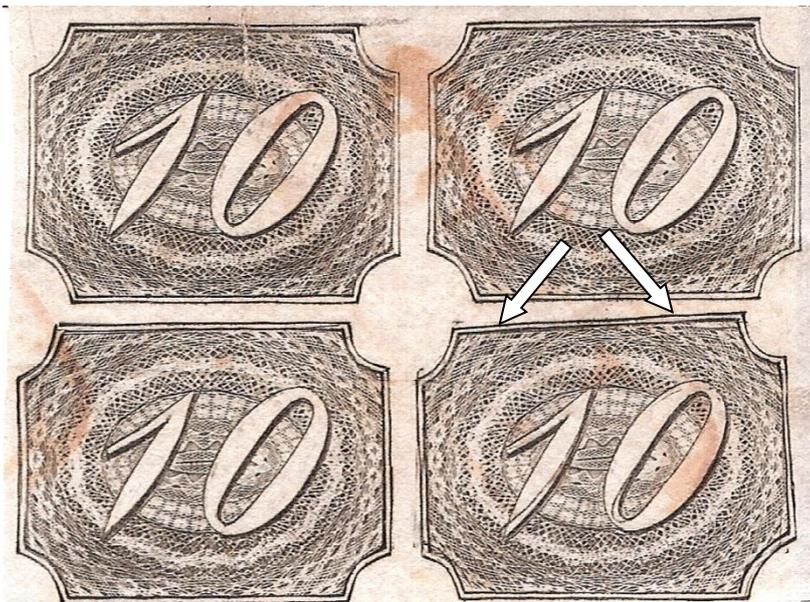
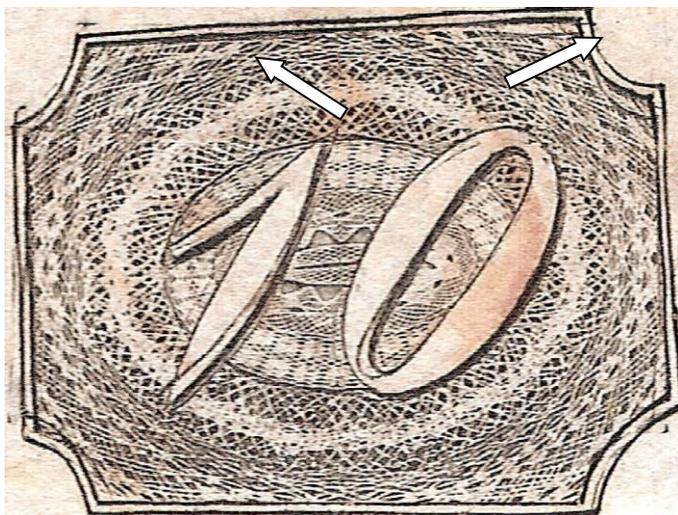


Figura 8. 10 Réis. Detalhe do quarto selo da quadra



Os defeitos e retoques de chapa ocorrem com maior frequência nos menores valores dos inclinados, em particular, no 30 Réis, no 10 Réis e no 60 Réis com maior incidência. Sem dúvida pela menor quantidade, e conseqüentemente menor necessidade de se ter novas tiragens, o 90 réis apresenta bem menor incidência de eventos, mas não menos espetaculares, como serão visto a frente. O baixíssimo número de inclinados de alto valor, dos 180, 300 e 600 réis que sobreviveram e se dispersaram tornaram a comparação difícil e mínimos defeitos são apontados, quando o são.

Imagens múltiplas

Ângulo superior direito duplo

Em oposição à falta de elementos, alguns elementos podem ser repetidos no selo, de modo indesejado à priori. A figura 9 apresenta um ângulo dobrado e sua ampliação. Na figura 10, verifica-se o mesmo erro em posição de bloco de 6 selos, superior da folha pela presença da linha acima. Considerando-se que a confecção do selo obedecia a ordem Matriz cilindro, e que os outros 5 selos do bloco não apresentam a dupla imagem, trata-se de evento posterior à confecção da Matriz e transferido no cilindro.

Figura 9. 10 Réis. Ângulo superior direito duplo

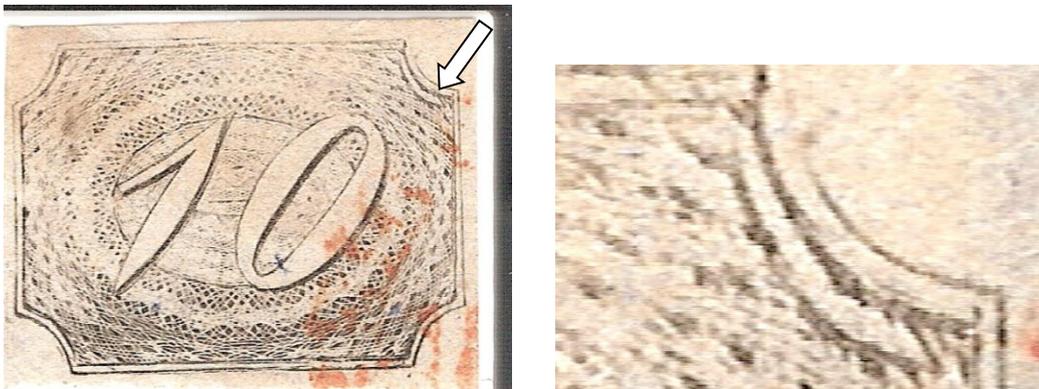
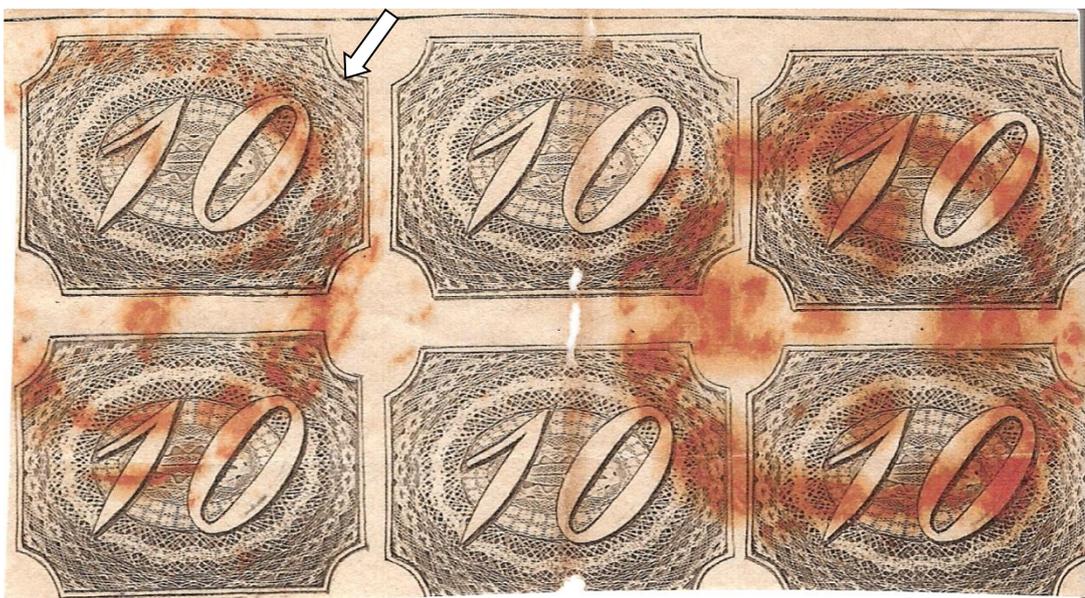


Figura 10. Bloco de seis do 10 Réis. Ângulo superior direito duplo



Quadro múltiplo

Alguns exemplares apresentam dupla ou tripla imagem em alguma parte do quadro, dos algarismos ou mais raramente, em ambos. A figura 11 apresenta uma imagem tripla do quadro superior direito e dupladeslocado quadro inferior direito, sem que os algarismos apresentem qualquer retoque.

Figura 11. 10 Réis. Quadro superior e inferior duplo



Quadro e algarismos múltiplos

A presença de diversos elementos comuns a dois selos permitem fazer comparações, se pertencem à mesma tiragem ou posição de folha em uma tiragem. As figuras 12 e 13 abaixo apresentam dois selos com 7 características iguais incomuns, apontadas pelas setas.

Figura 12. 10 Réis. Quadro, algarismos e elipse dobrados

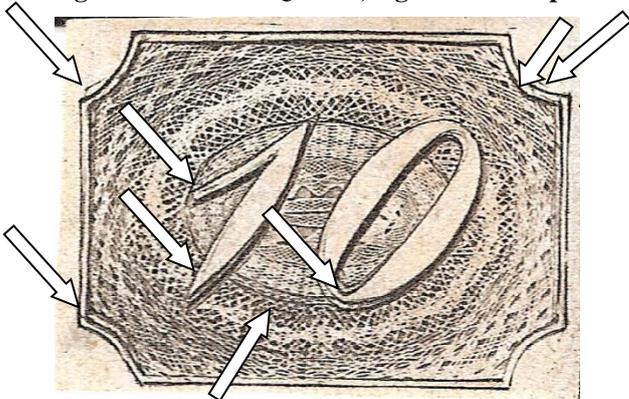
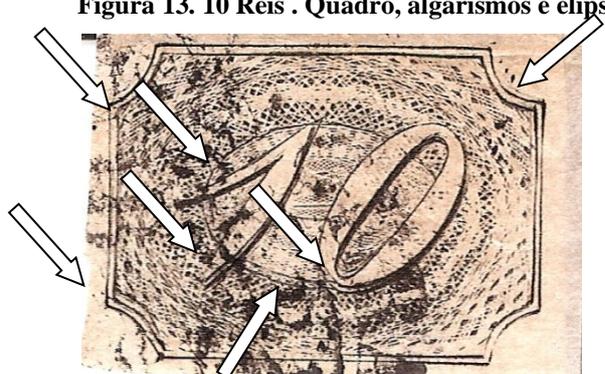
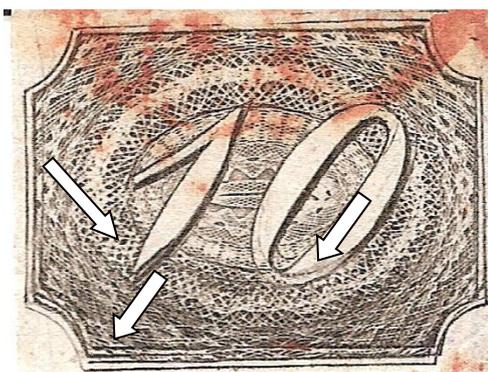


Figura 13. 10 Réis . Quadro, algarismos e elipse dobrados e detalhes



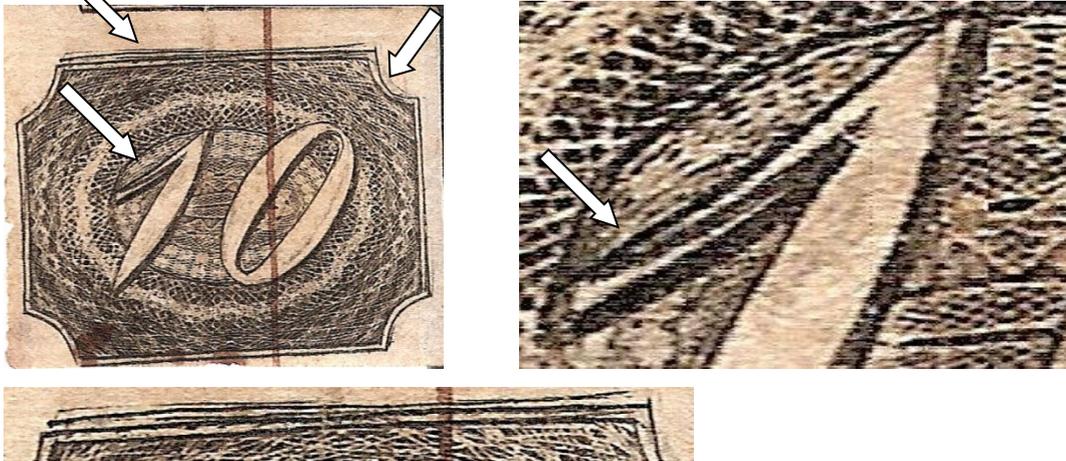
A figura 14 por sua vez apresenta excepcional imagem tripla do quadro inferior e dos algarismos.

Figura 14. 10 Réis. Quadro inferior triplo, algarismos e elipse dobrados e detalhes



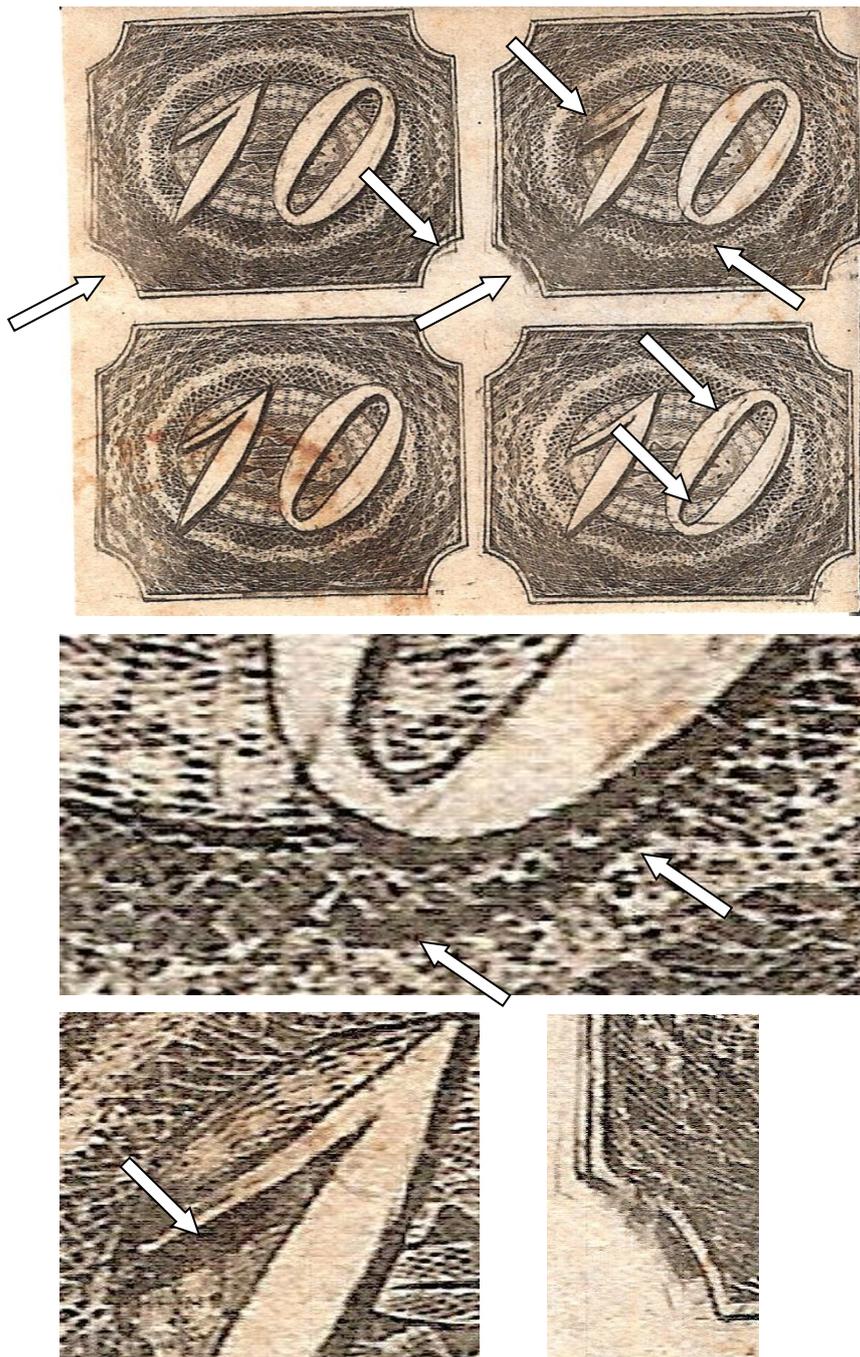
Alguns efeitos de impressão chegam a ser notáveis, como o da figura 15 abaixo, em um efeito de “bico de pena” no algarismo 1.

Figura 15. 10 Réis. Impressão Dupla do algarismo 1 e tripla do quadro superior, e detalhes



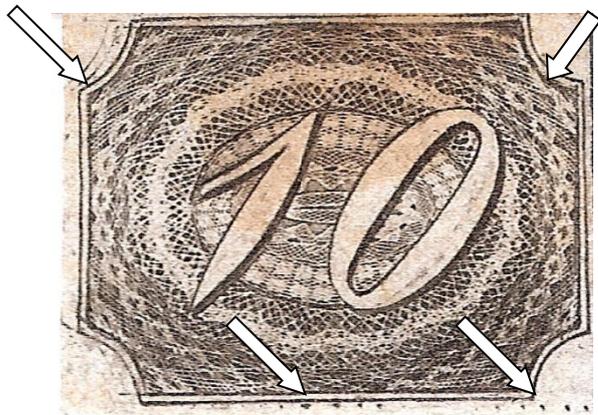
A presença de retoques pode se dar em mais de uma peça, como na figura 16.

Figura 16. Quadra 10 Réis. Marcas diversas de retoques



Aventa-se que a presença de um pontilhado abaixo da primeira linha de selos configura o posicionamento do papel com o cilindro (figura 17). Assim, alguns exemplares portariam duplas imagens devido à busca de posicionamento, versão esta a ser ainda confirmada ou desmentida com novas evidências. As outras duas possibilidades são retoques de chapa que foram se acumulando e ainda a dupla impressão. Esta segunda seria mais improvável, pois implicaria no papel ter sido duas vezes impresso, o que traria elementos iguais (e não diferentes) mesmo que posicionados diferentemente.

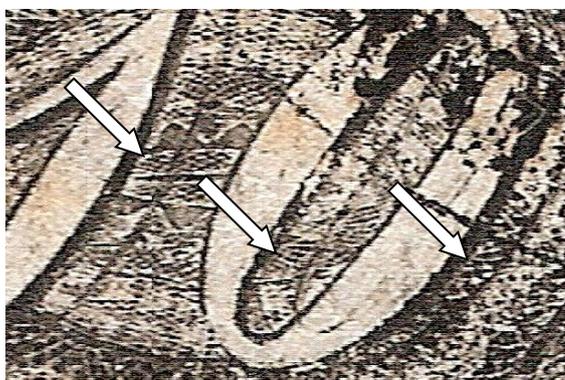
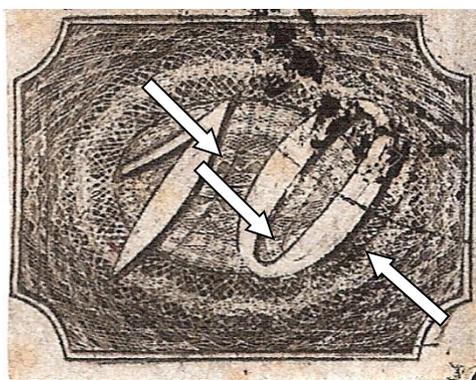
Figura 17. 10 Réis. Quadro duplo e sinal de posicionamento de início de impressão



Reinserção de Algarismo

Taveira (2001, p141) apresenta um quadra do 30 Réis, pertencente a Santos e apelidada de “303” pelo que chamou de reinserção do algarismo “3” que aparece após o algarismo “0”. O que faz daquela peça especial é a distância entre o algarismo normal e a presença de uma “sombra” distante do esperado. Na figura 18 abaixo temos a reinserção dos algarismos do 10 Réis, presentes como uma sombra um pouco mais distante dos algarismos brancos.

Figura 18. 10 Réis. Reinserção dos algarismos



Tinta

Se o uso das máquinas em larga escala gerou o desgaste das chapas e das matrizes, a tinta pode auxiliar na percepção de defeitos ou gerar novos efeitos visuais. A associação entre tiragens deterioradas e retocadas

com a quantidade de tinta presente no selo (encrage) se faz porquê após os retoques os selos alteram seu equilíbrio anterior e distribuição de tinta nos diversos elementos da matriz.

Na figura 19 que segue, estão dois selos com excesso de tinta onde sumiram os guilochis inferiores. O primeiro por sinal, além de seu aspecto diferenciado, apresenta uma curiosa marca de “15” à pena, sendo possível que seu uso de fato tenha sido fiscal como inicialmente previsto, mas sobretaxado a mão...

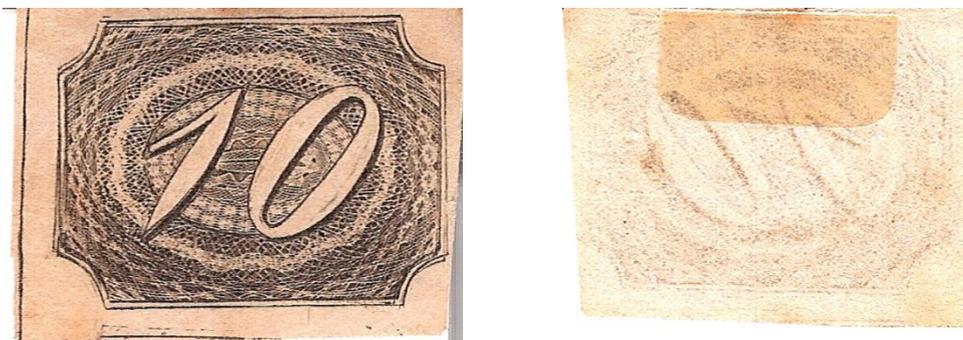
Figura 19. 10 Réis. Impressões com guilochi empastado



Papel

O uso de papel de olho de boi para a emissão de inclinados até a pouco tempo restringia-se no conhecimento apenas nos valores emitidos inicialmente, ou seja, nos selos de 30, 60 e 90 réis, em ambos os tipos. Recentemente dois exemplares do 10 réis foram identificados como tendo essa característica (Taveira, 2001). Não se trata apenas de papel com maior espessura (micragem), mas do tipo de papel usado com o Olho de boi. O selo da figura 20 apresenta papel com espessura diferente.

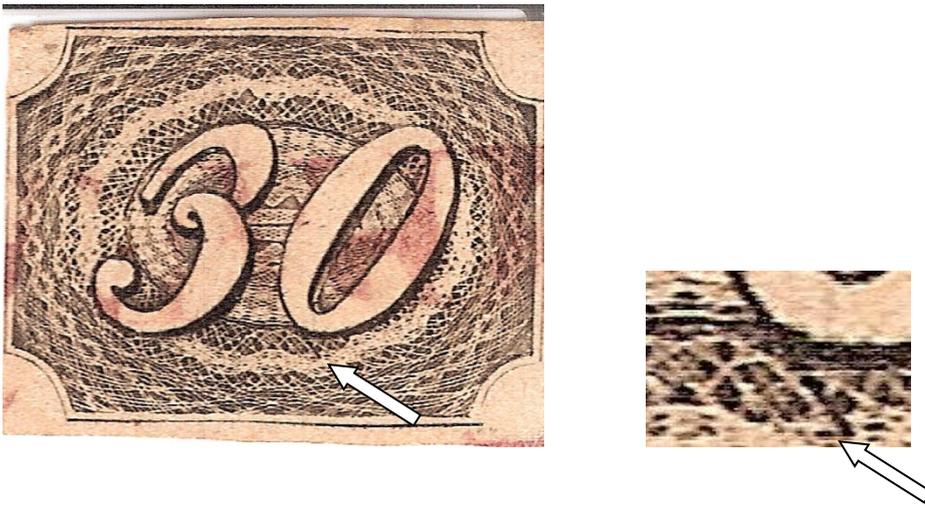
Figura 20. 10 Réis em espessura diferente



Chapa riscada

A figura 21 apresenta um risco abaixo do algarismo 0, a ser posteriormente investigado.

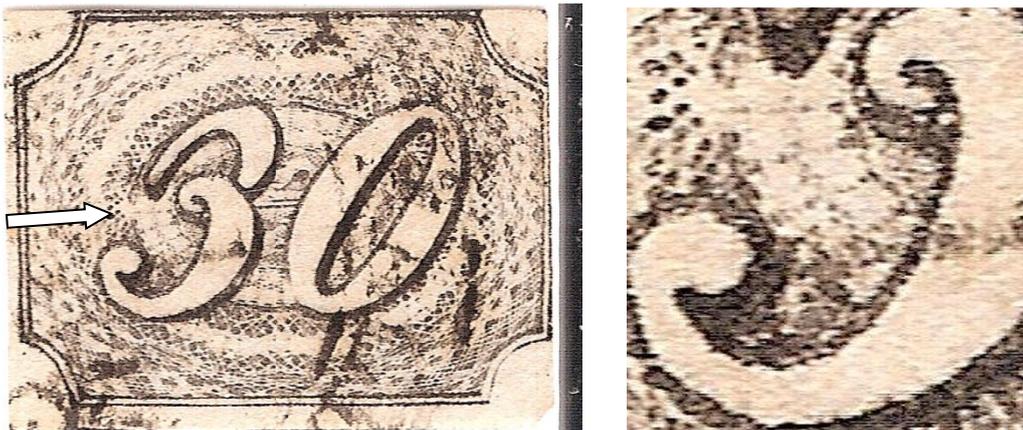
Figura 21. 30 Réis. Risco abaixo do 0 e detalhe



Desgaste do oval Interno

De modo análogo ao 10 Réis, o exemplar da figura 22 abaixo denota claro desgaste do oval interno.

Figura 22. 30 Réis. Desgaste do oval interno

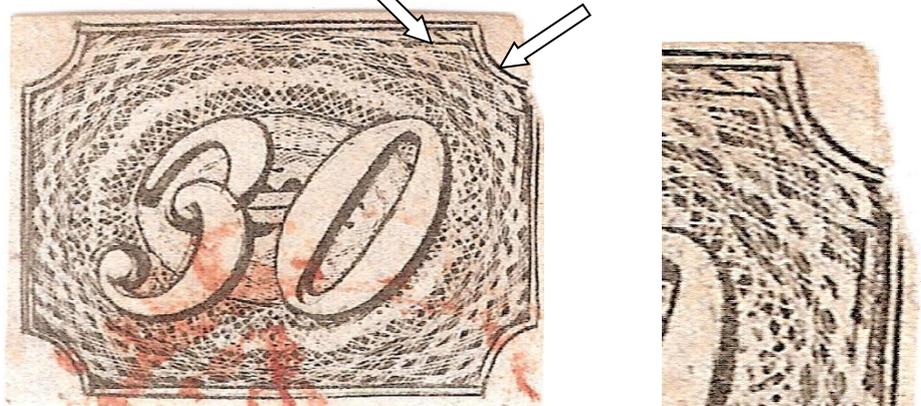


Imagens múltiplas

Ângulo superior direito duplo

Também de modo similar ao 10 réis, o 30 réis do tipo 2 apresenta uma impressão múltipla do quadro superior interno, como segue na figura 23.

Figura 23. 30 Réis, Ângulo superior direito do quadro duplo e detalhe



Quadro múltiplo

Pares com e sem o tipo de marca também são encontrados, como o da figuras 24. Interessante notar novamente que o erro só ocorre em um dos dois selos do par, demonstrando tratar-se de erro posterior à matriz e daí a possibilidade de dupla impressão sempre aventada. O efeito visual é duplo, Poderia se tratar de reincisão, retoque ou de dupla impressão mesmo, o que será discutido no decorrer dos exemplos.

Figura 24. Par horizontal 30 Réis. Sem e com dupla impressão do quadro



Quadro e algarismos múltiplos

A imagem dupla é mais difícil de ser encontrada nos algarismos e no quadro simultaneamente, mas ocorre como em algumas das figuras mostradas (25 e 26).

Figura 25. 30 réis. Imagem dupla no algarismo e no quadro

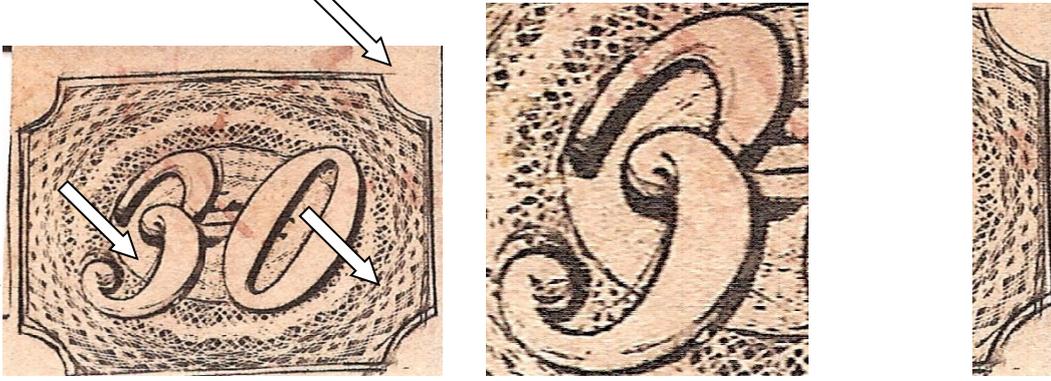
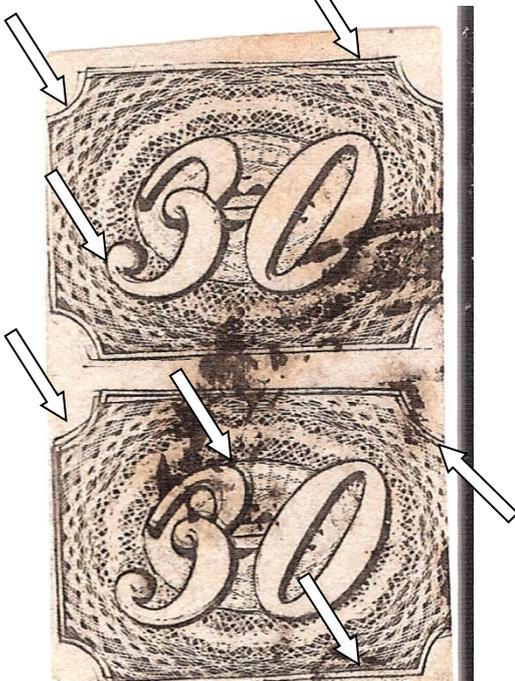


Figura 26. 30 Réis. Imagem dupla nos algarismos e no quadro



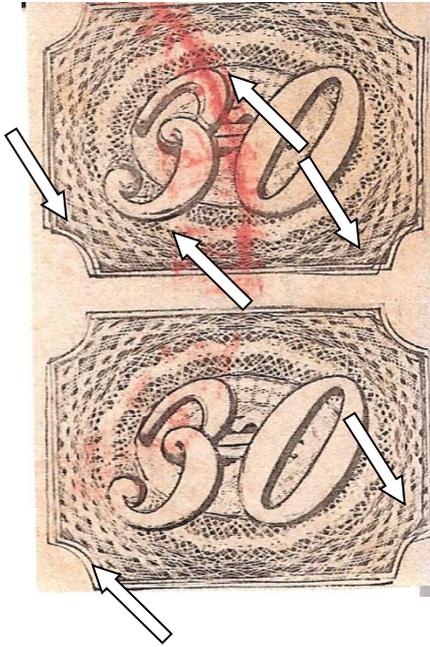
Os dois pares que seguem, respectivamente nas figuras 27 e 28 apresentam sinais de imagens duplas dos algarismos e quadros, de modo bastante similar, o que corrobora a alternativa de reincisão ou retoque e enfraquece a hipótese de dupla impressão.

Figura 27. Par vertical 30 Réis. Imagem dupla de algarismo e de quadro



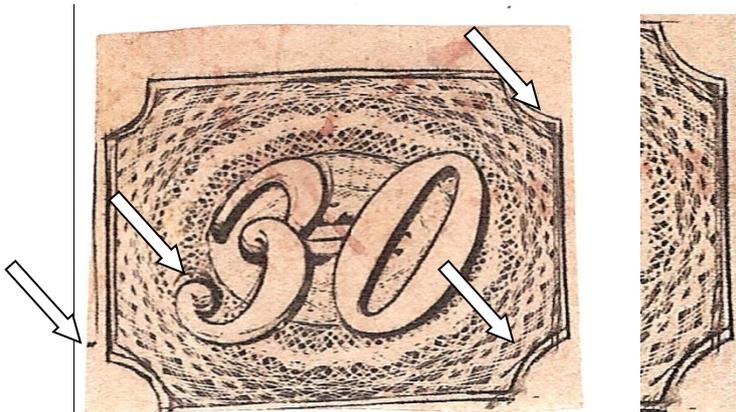
O exemplar em par apresentado por Taveira (2001, ps. 77 e 139) como “...exemplo de impressão dupla de moldura”, de forma peculiar não apresenta as re incisões nos algarismos encontradas na figura 28, mas é muito similar nos quadros. Já os exemplares que ele denomina “impressão dupla da moldura e algarismos” (Taveira 2001, p 78) são extremamente similares ao selo inferior do par e superior do par respectivamente, da figura 28, existindo portanto um aspecto de recorrência.

Figura 28. Par vertical 30 Réis. Imagem dupla de algarismo e de quadro



O efeito visual de selos com pouca tinta destacam os defeitos do selo, como na figura 29.

Figura 29. 30 Réis. Imagem dupla de algarismos e quadros



A figura 30 apresenta uma dupla imagem dos quadros apenas.

Figura 30. 30 Réis. Imagem dupla do quadro

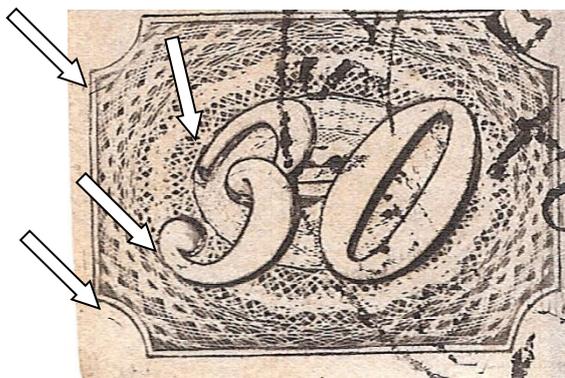


Quadro múltiplo com desgaste de chapa

Chegamos até este ponto percebendo que o efeito visual da dupla impressão, da reincisão, do retoque ou até de posicionamento não perfeito com eventuais marcas de papel pré-existentes, apresentam características parecidas. Se o defeito for repetitivo, com as mesmas características então a possibilidade de retoque de chapa é efetiva e sobrepõe-se à dupla impressão ou ao reposicionamento, uma vez que seria improvável obter-se exatamente o mesmo efeito de impressão.

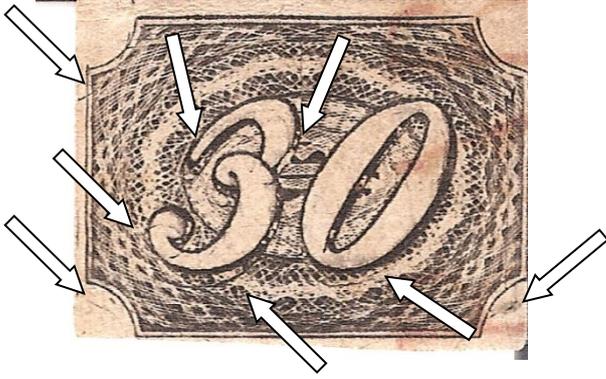
As figuras seguintes (31 e 32) apresentam a hipótese de progressividade de desgaste da chapa com a sobreposição de selos com mais elementos não planejados a cada vez.

Figura 31. 30 Réis. Fase inicial de retoques



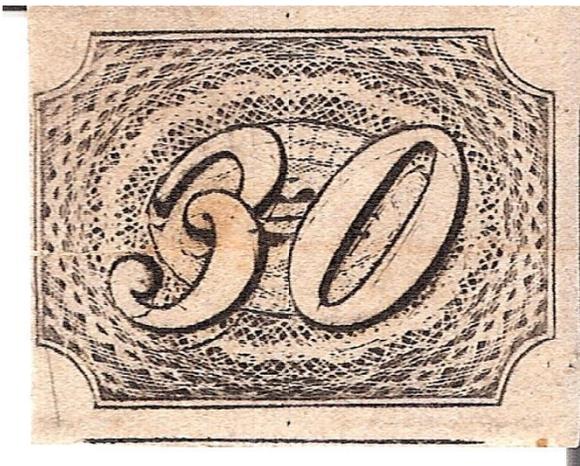
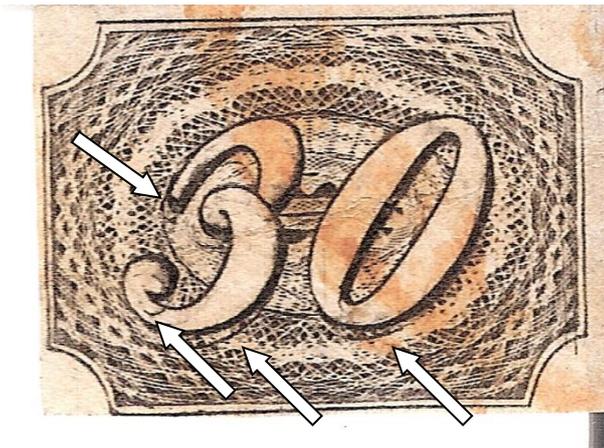
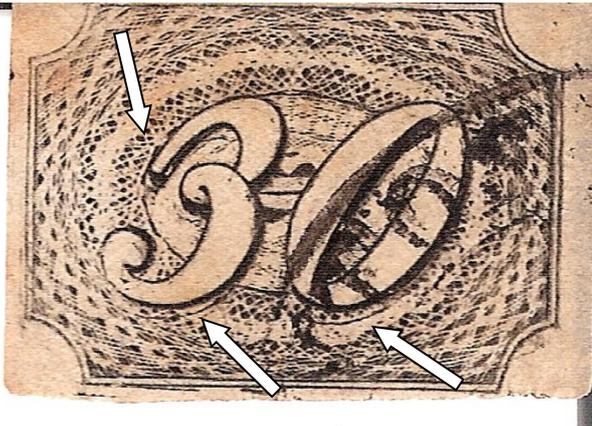
Se for um defeito de chapa, com o tempo o desgaste piora por diversos efeitos, como oxidação por exemplo. O selo da figura 32 abaixo apresenta além das marcas anteriores, outras novas.

Figura 32. 30 Réis. Fase avançada de retoques



Diversos defeitos muito próximos são verificados nos selos da figura 33.

Figura 33. 30 Réis. Marcas diversas de retoques





A figura 34 aponta a direção do defeito repetitivo, onde os dois selos apresentam diversos pontos de similaridade de falhas.

Figura 34. 30 Réis. Algarismos e quadros com retoques de mesmas características



O efeito visual é bastante interessante em alguns exemplares que acumularam retoques ao longo do tempo, como na figura 35 que segue.

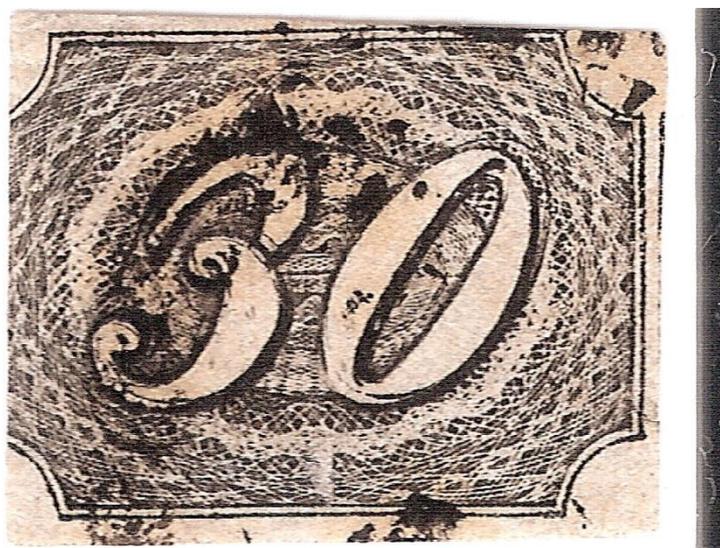
Figura 35. 30 Réis. Retoques por todos os lados dos algarismos.



Percebendo-se que estes elementos se faziam presentes no tipo 2, foram estudados diversos selos do primeiro tipo para se avaliar a alternativa aventada.

Pela figura 36 percebe-se que os defeitos já vieram da primeira chapa. Existiria um “elo perdido”?

Figura 36. 30 Réis. 2 Selos Tipo I com retoques iguais nos algarismos



Uma vez que alguns exemplares apresentam retoques que confundem a identificação do tipo, como se pode reparar nos exemplares abaixo na figura 37, do tipo I e **elementos de defeito que se encontram também no**

tipo II, há que se ter uma ligação. Afinal, como foi colocado no quadro 1 e diferentemente dos selos de 60 réis e 90 réis, os dois tipos não chegaram a compor a mesma chapa.

Figura 37. 30 Réis. Dois selos de 30 Réis tipo I com retoques iguais no algarismo 3

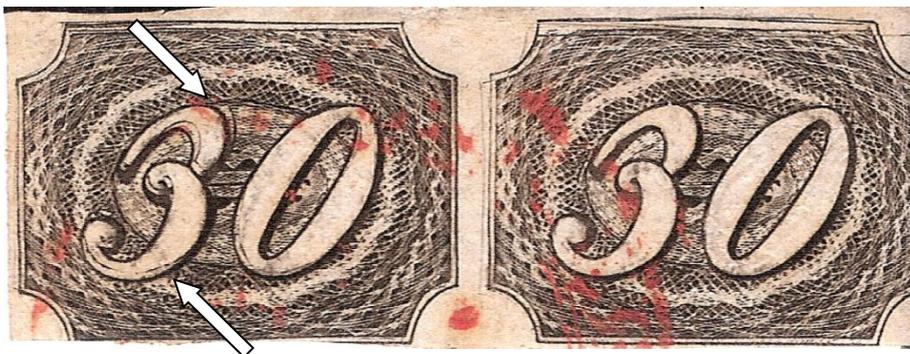


HIPÓTESE DA CONFECÇÃO DOS TIPOS I E II

Uma hipótese importante deve ser então proposta. A inversão do fundo do selo de 30 réis entre os tipos I e II pode ter sido involuntária, na crença que a posição do "grão de café" do fundo fosse perfeitamente simétrico. Ao se inverter no tipo I, as incrustações pré-existentes "embolaram" o algarismo, encostando o "bico" do 3 e sua ponta ao oval, características estas do tipo II. O conseqüente desgaste do material e a manutenção do status quo podem ter feito com que na chapa seguinte as correções virassem definitivas, gerando o tipo II conhecido. Pode se perceber que o defeito existente no tipo I continuou existindo pelas figuras iniciais do 30 Réis, e como não houve chapa múltipla, leva a crer nesta hipótese. Estaria aí desvendado um dos mistérios do surgimento deste novo tipo e sua concepção.

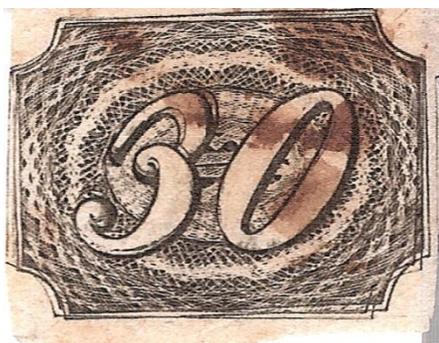
Outro exemplo de chapa retocada do tipo II pode ser encontrado na figura 38 abaixo, reforçando a hipótese previamente levantada.

Figura 38. Par horizontal 30 Réis. Com e sem dupla impressão de algarismo



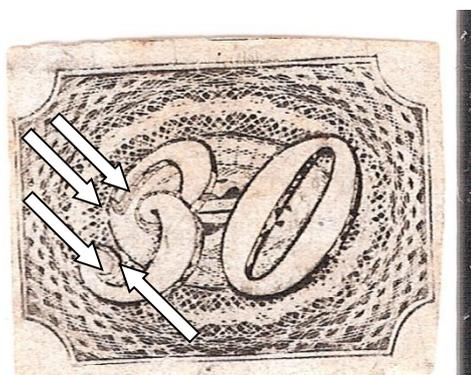
E na fase seguinte do desgaste da chapa, o fenômeno se expande para uma combinação com quadro duplo, como atesta a figura 39 abaixo. O selo em par inferior da figura 28 apresenta a mesma marca dupla de quadro que o superior, mas os algarismos não tem marca dupla. Trata-se de defeito posterior à mudança de tipo I para II.

Figura 39. 30 Réis. Impressão dupla de algarismo e de quadro



O exemplar da figura 40 apresenta as características dos dois tipos, embora sendo do tipo II (posição do fundo atrás do zero).

Figura 40. 30 Réis. Retoque do algarismo 3



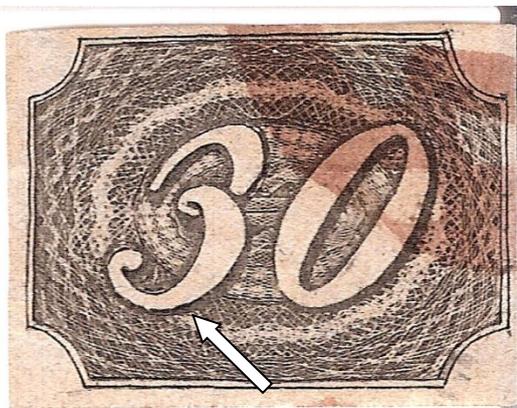
Tinta

Seguindo a estrutura do trabalho, alguns efeitos de falta ou excesso de tinta são mostrados.

Figura 41. 30 Réis. Retoque e falta de guilochi (falso? com retoques?)

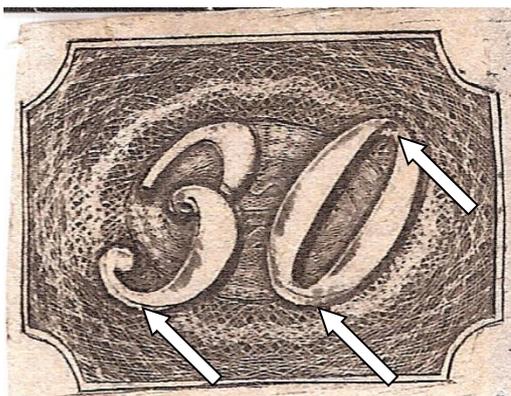


Figura 42. 30 Réis. Afinamento na perna do algarismo 3 no tipo I



A existência de retoques pode ser notada inclusive em exemplares com mais tinta, como na figura 43 abaixo.

Figura 43. 30 Réis Tipo I com excesso de tinta nos algarismos



Papel

Também no selo de 30 Réis exemplares com pliê podem ser encontrados, como na figura 44.

Figura 44. Selo com pliê diagonal



Os selos de 60 Reis foram pesquisados e diferenciados inicialmente por J Fred Emerson em 1939 o tipo II e Flatau um par tipo I e II. Anna Maria Jacques em 2005 descobre o IIa, com Jose Luis Fevereiro que devidamente avaliza e posiciona o II a no catálogo em 2019 junto a Peter Meyer).

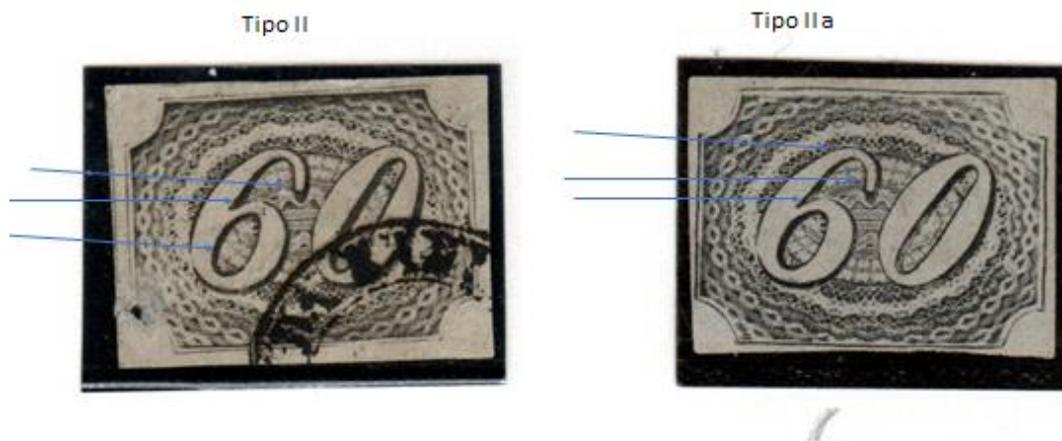
Abaixo a figura 45 da distinção entre os tipos do 60 Reis.

Figura 45. Classificação de tipos I e II e um subtipo o IIa.

Separando os tipos do 60 Réis I do II e IIa

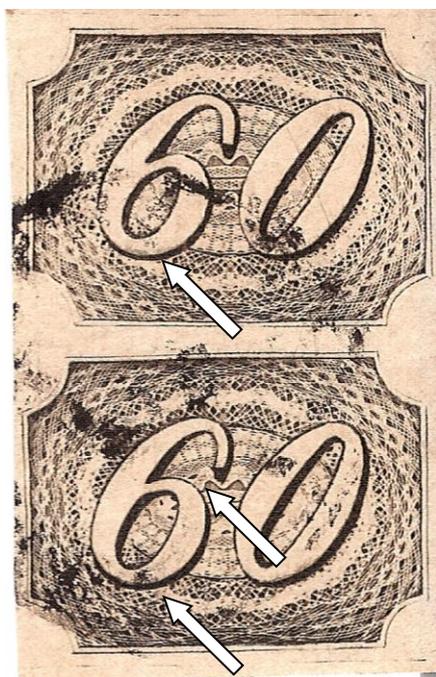


Identificando os tipos do 60 Réis II e IIa



A seguir, um exemplar contendo dois dos tipos.

Figura 46. Par vertical 60 Réis. Xifópago, tipos 2 e 1 com as linhas características



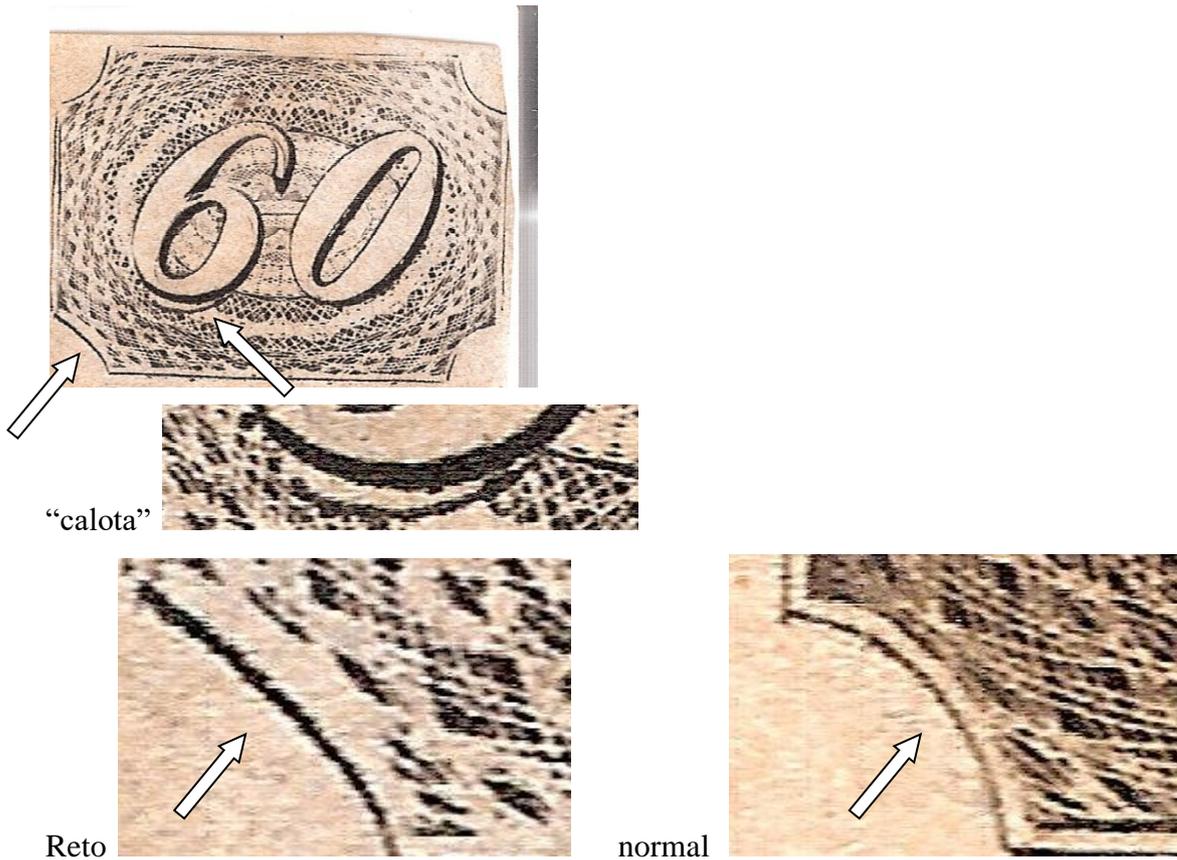
São bastante raros os múltiplos mistos, e mesmo pares de determinados tipos em papéis particulares, conforme observou Santos (1992) em sua monografia e que não serão tratados neste trabalho. Assim, da mesma forma que no 30 Réis, a existência de grande número de retoques se faz no tipo 2 obedecendo o padrão lógico e cronológico.

Alteração da propriedade física da chapa

O 60 Réis apresenta um defeito recorrente que tem um efeito visual bastante interessante, que denominamos de “calota”, conforme observado na figura 46 em diante. De modo similar ao problema encontrado no 10

réis, foi notado que o exemplar abaixo apresenta um ângulo reto no seu lado inferior esquerdo, além do retoque.

Figura 47. 60 Réis IIa. Ângulo inferior esquerdo reto, “calota” e detalhes comparados

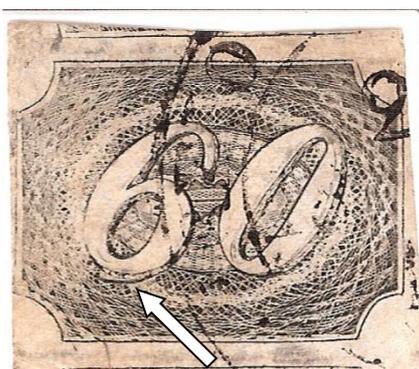


Algarismos retocados

“Calota”

Na figura 47 percebe-se o processo de “descolamento” da calota inferior do algarismo 6, culminando no descolamento total, na figura 48.

Figura 48. 60 Réis IIa. Efeito descolamento abaixo do algarismo 6



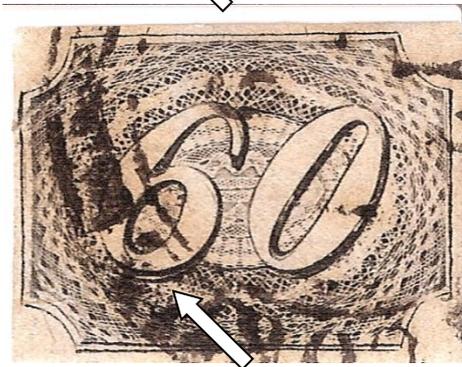
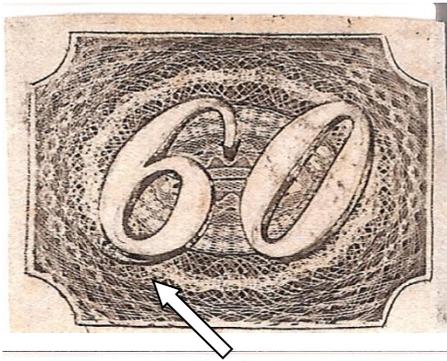
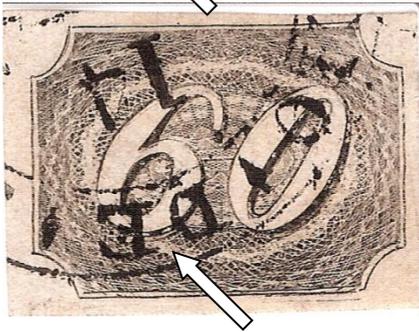
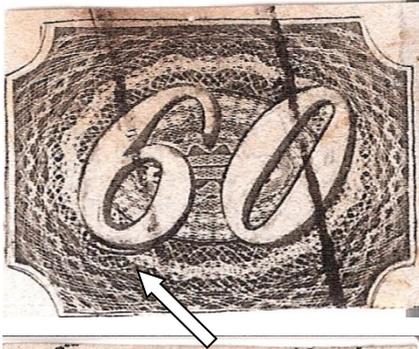
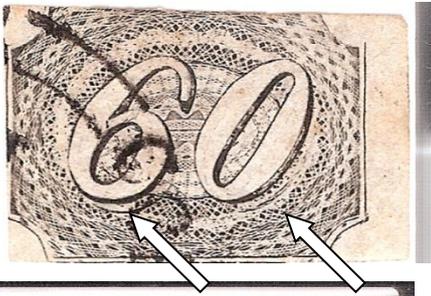
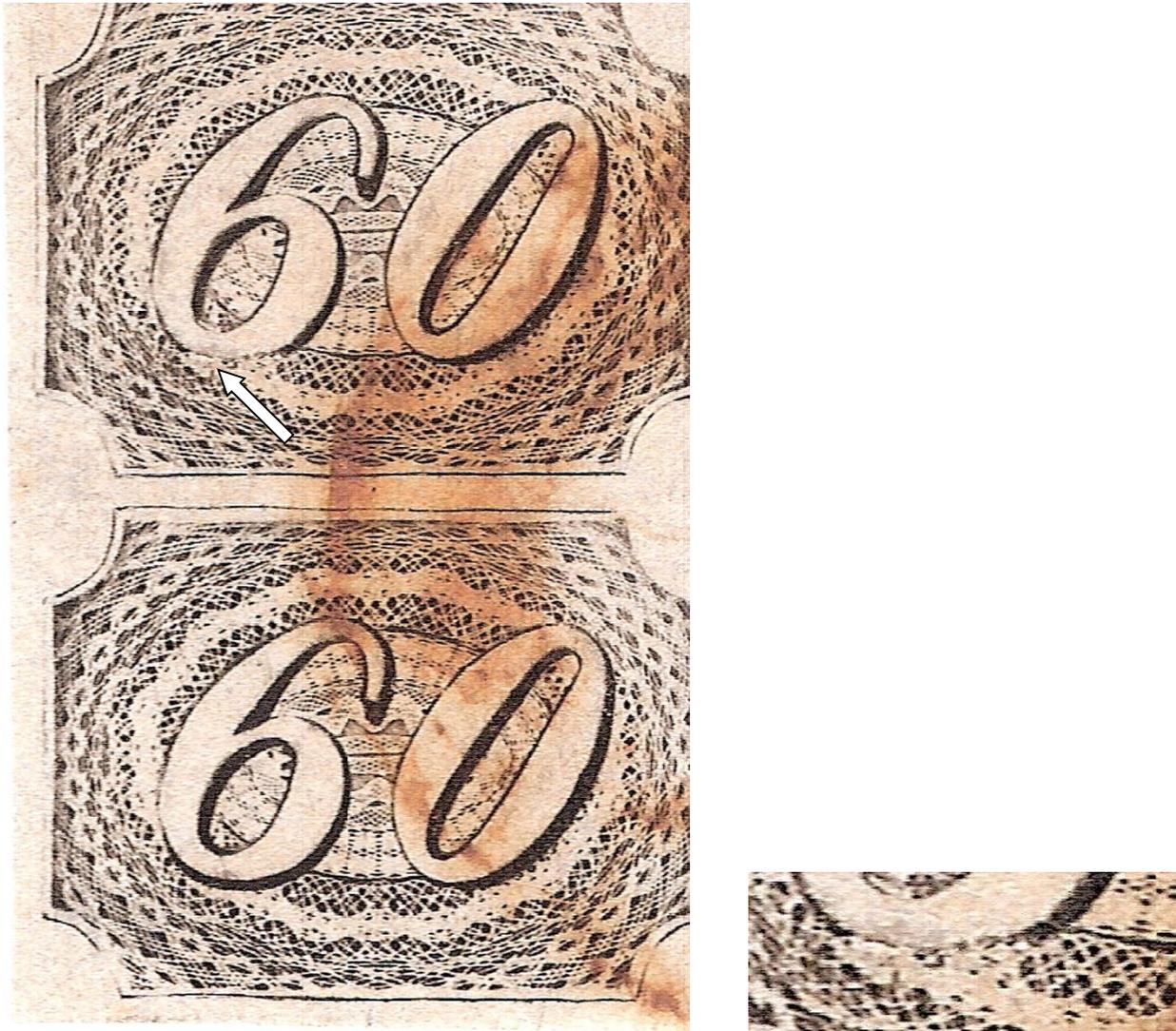


Figura 49. Par vertical 60 Réis IIa. Descolamento total da “calota” sob o algarismo 6 e detalhe



Guilochi

Também o guilochi pode apresentar duplicidade, como nas figuras 49, 50 e 51 que seguem.

Figura 50. 60 Réis IIa. Marca do guilochi no algarismo e pontilhado de início de impressão

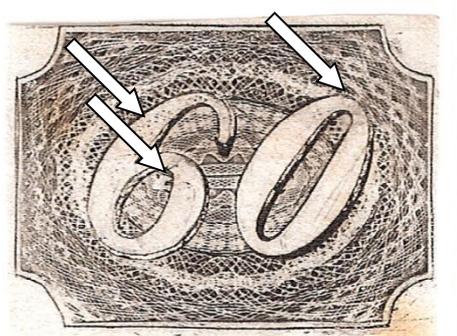
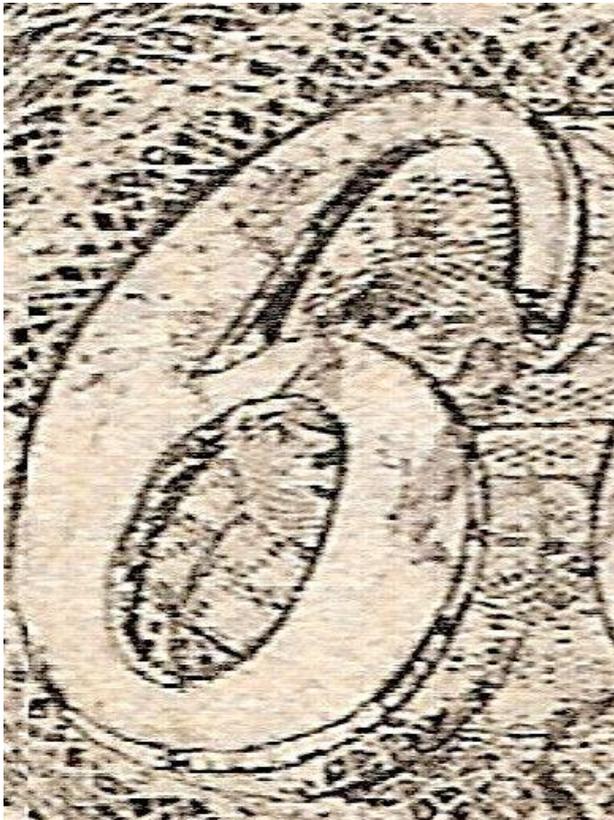


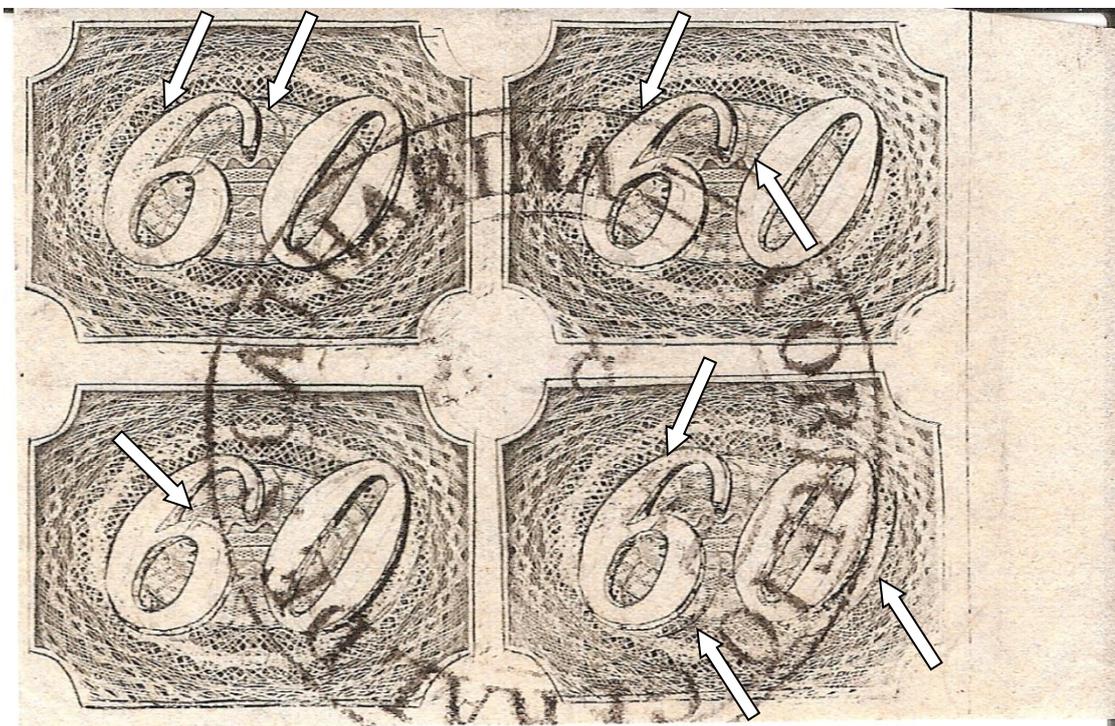
Figura 51. 60 RéisIIA. Detalhe da marca do guilochi do 4º selo da Quadra

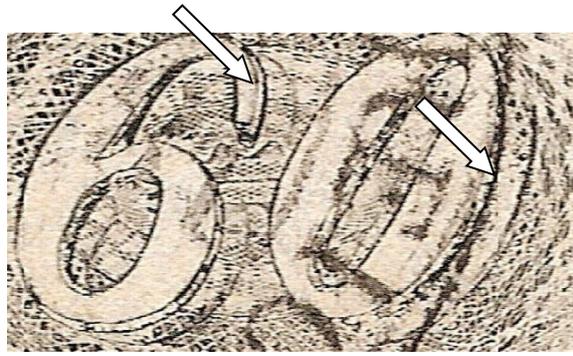
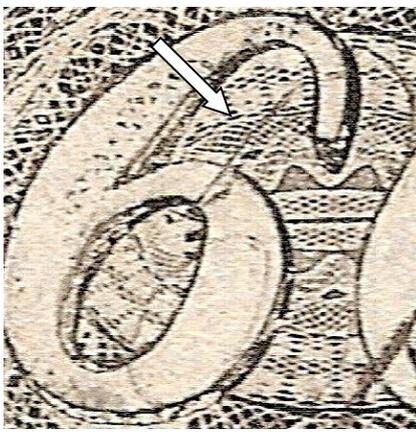


Reinserção de algarismo e guilochi

De modo análogo ao selo de 10 Réis que apresentou uma reinserção do algarismo 1 como uma “sombra” e o “303” de Santos, a quadra a seguir apresenta nos seus 4 valores este efeito, do Guilochi, e dos algarismos, sendo mais visível no algarismo 6 em destaque.

Figura 52. Quadra 60 Réis IIA. Reinserção dos algarismos 6 e 0 e do guilochi



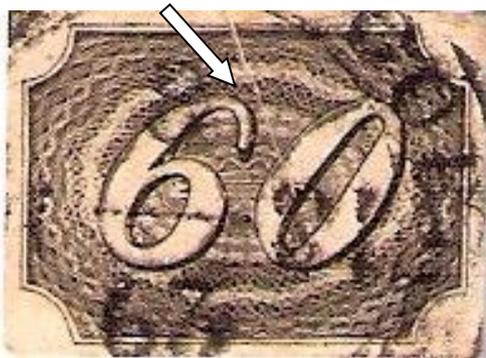


Papel

Trabalhou-se muito tempo na hipótese dos papéis mais leves vindo a substituir os do Olho de boi como responsáveis por “tremer” e, portanto piorar a qualidade do selo. É fato que se encontram muito mais defeitos na emissão dos inclinados do que na própria emissão inicial, do Olho de Boi. Mas a presença de defeitos nos tipos iniciais dos inclinados (mesmo que em proporção menor) e subseqüentemente nos tipos que se seguiram, faz com que se pense que talvez o papel não fosse o único agente responsável pela conformidade técnica.

De modo geral, pliês são mais presentes nos valores de 30 e 60 Réis, como na figura 53.

Figura 45. 60 Réis IIa. Pliê diagonal



A falta de padrão de qualidade desejada pode ter feito com que a oficina testasse alternativas de papel, como as das figura 54, 55 e 56 abaixo.

Figura 46. 60 Réis IIa. Plê em papel amarelado grosso, ainda inédito.

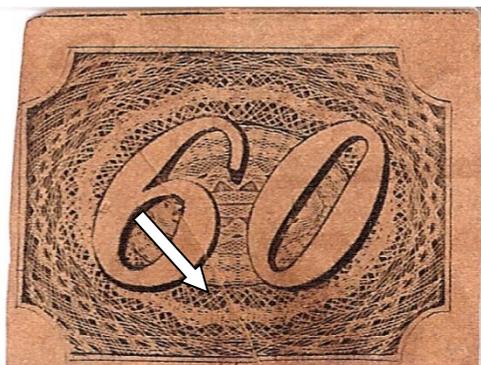


Figura 47. 60 Réis IIa. Plês e retoque de algarismo

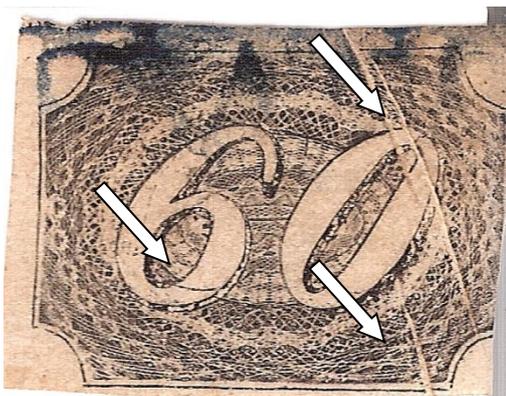
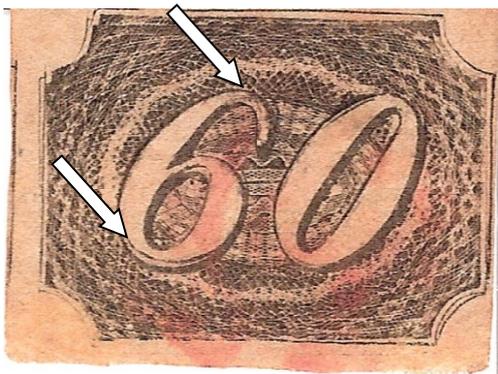


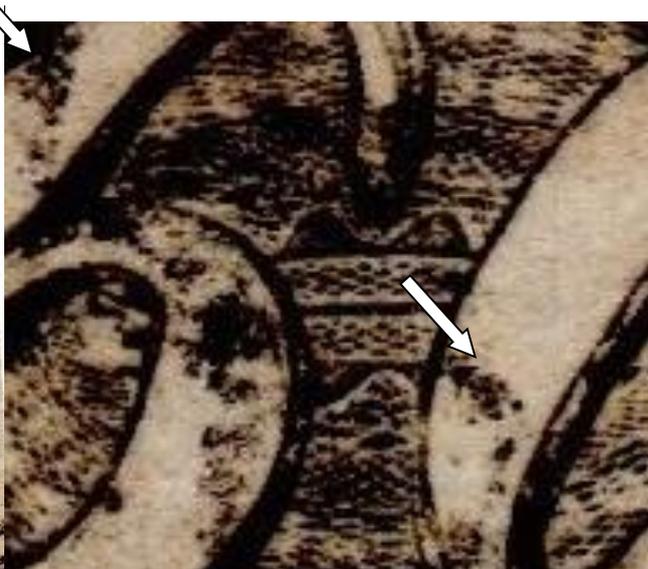
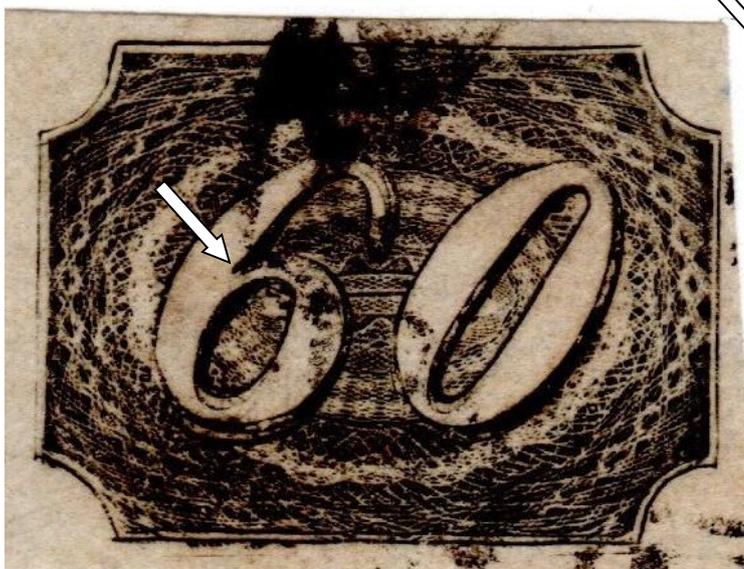
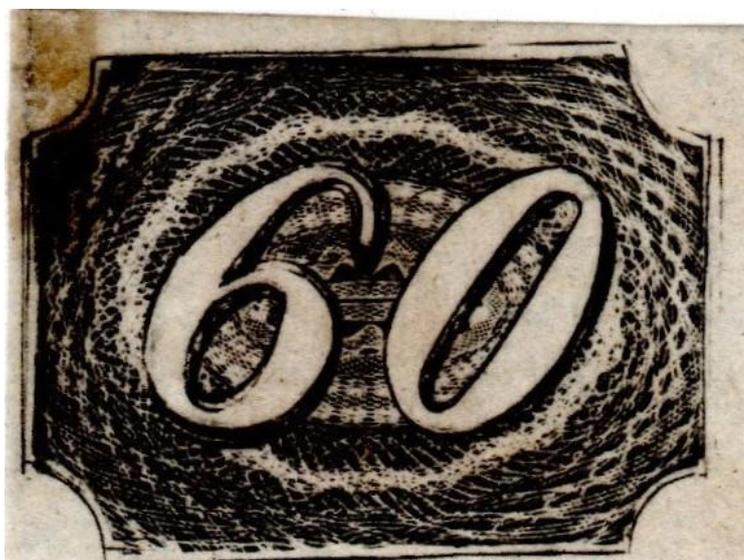
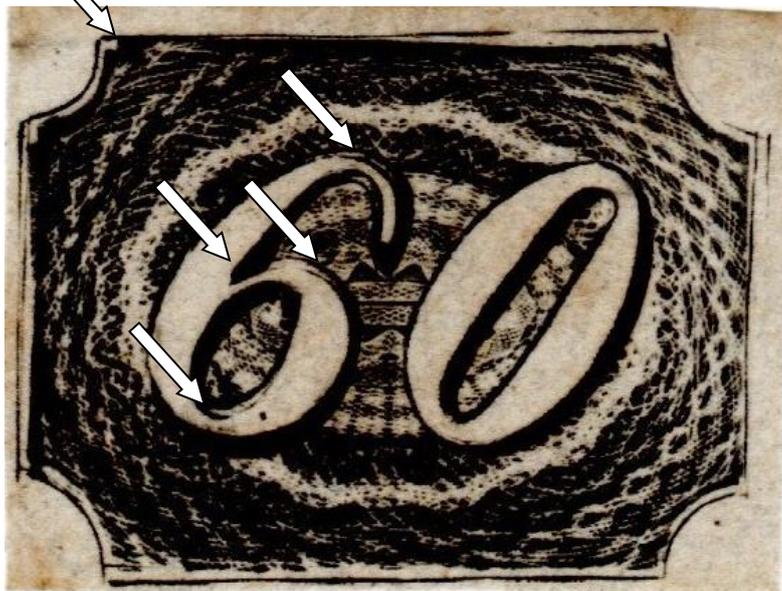
Figura 48. 60 Réis IIa. Retoques em papel a ser estudado



Talvez os operários da leva seminal da oficina, que conduziram a implantação do selo no Brasil estivessem com problemas de maquinário, adaptação às condições de produtividade solicitadas e pessoal, fazendo com que se buscasse ampliar a vida útil do ferramental de base, que apresentou tantos retoques e baixas.

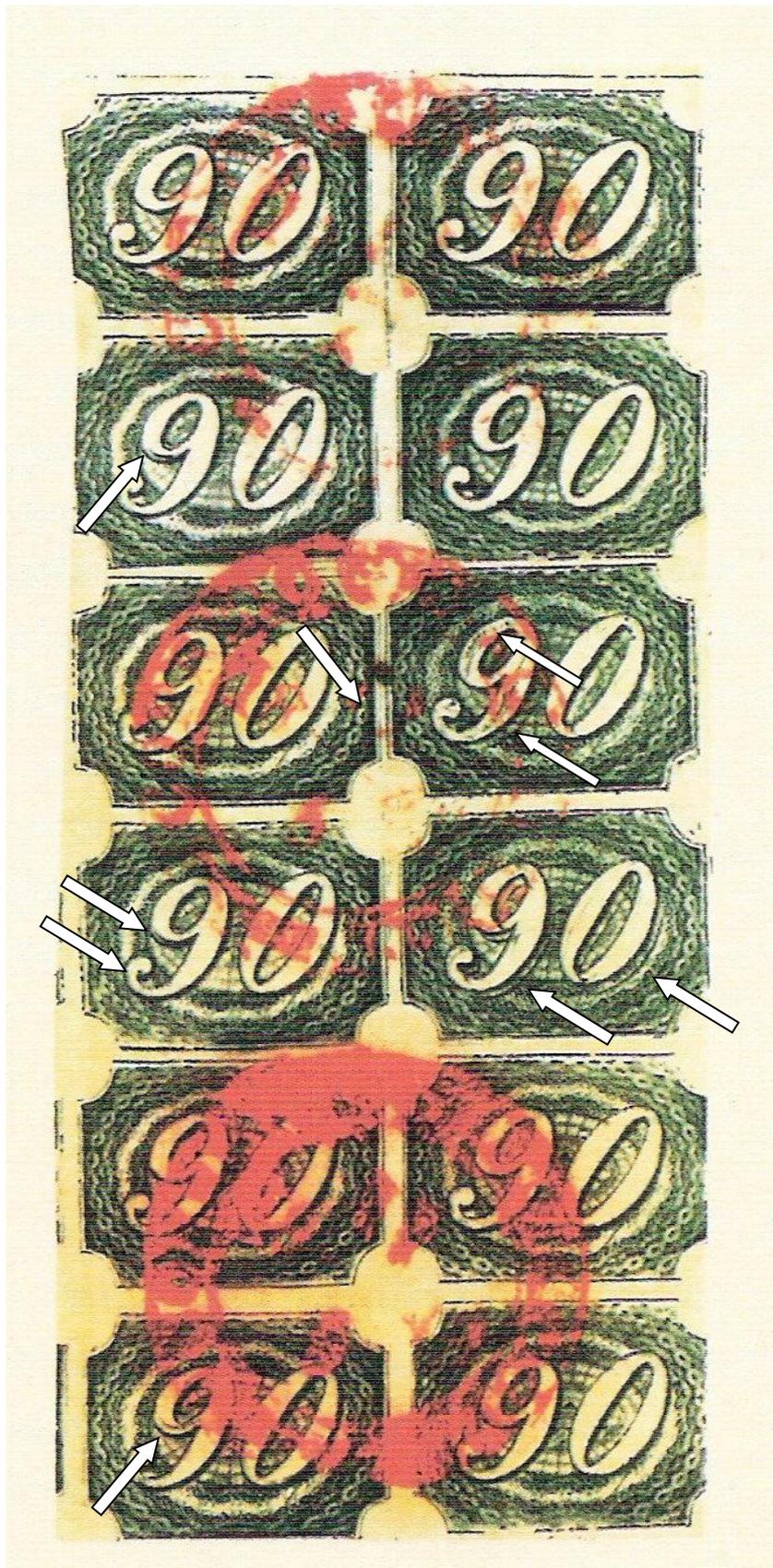
E finalmente, situações estranhas surgiram como a presença de características do tipo IIa sobre o tipo II com na figura abaixo. São conhecidos apenas 3 exemplares. 2 novos e 1 terceiro com excesso de tinta e borrado. Percebe-se pelo guilhochi duplicado na parte branca do 6... Poderiam ser impressões em fase inicial, mas mesmo se forem, já são no papel definitivo dos inclinados, ou seja, selos finais.

Figura 57. 60 Réis IIa sobre II



Situação que talvez explique o bloco com a única configuração do 90 Reís misturando os dois tipos e o subtipo, na figura 58 abaixo.

Figura58. Bloco de 12 do 90 Réis, Único Bloco conhecido contendo os tipos I, II e III



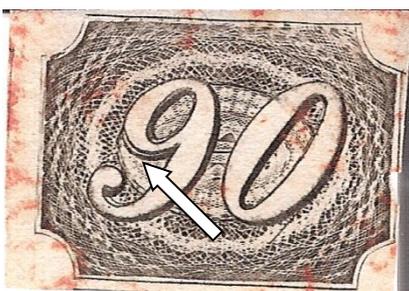
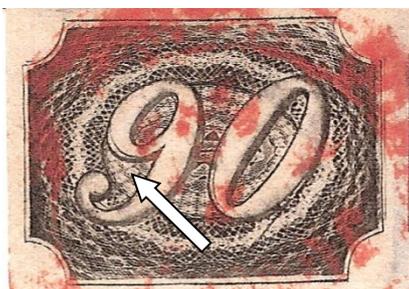
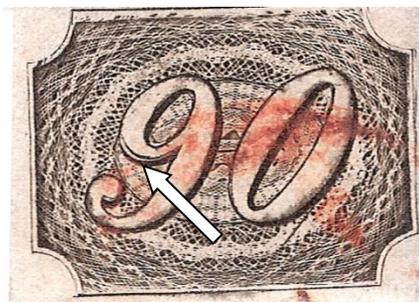
Fonte: Karlheinz Wittig em Taveira (2001)

Algarismos retocados

Taveira (2001, p 241) descreve o bloco de 12 de Karlheinz Wittig como único composto pelos três tipos do 90, e se pergunta se é uma terceira chapa, o que Santos (1992) descarta. Para avançar um pouco na questão, observa-se que diversos selos apresentam retoques diferenciados, conforme figura 59 abaixo.

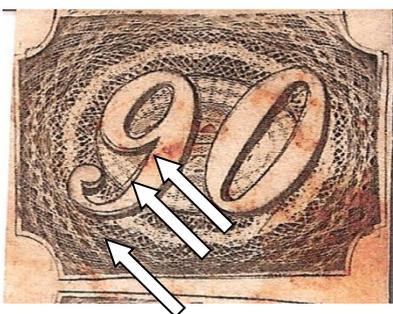
O que chama a atenção é o fato que o selo de 90 Réis apresenta tipos de imagem dobrada bastante interessantes, quase sempre no tipo II e que procuramos posicionar em relação ao mítico bloco.

Figura 59. 90 Réis IIa. Retocado, posição 1ª coluna, 2ª fileira



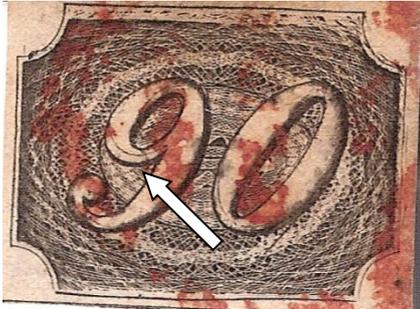
Na figura seguinte, a 60, um pequeno detalhe de retoque na perna do algarismo 9 o deixa na posição 4 da primeira coluna.

Figura 60. 90 Réis IIa. Retocado, posição 1ª coluna, 4ª fileira



Completando a primeira coluna dos defeitos, a outra posição da intrigante peça, a posição 6 da primeira coluna, da figura 61.

Figura 61. 90 Réis IIa. Retocado, posição 1ª Coluna, 6ª Fileira



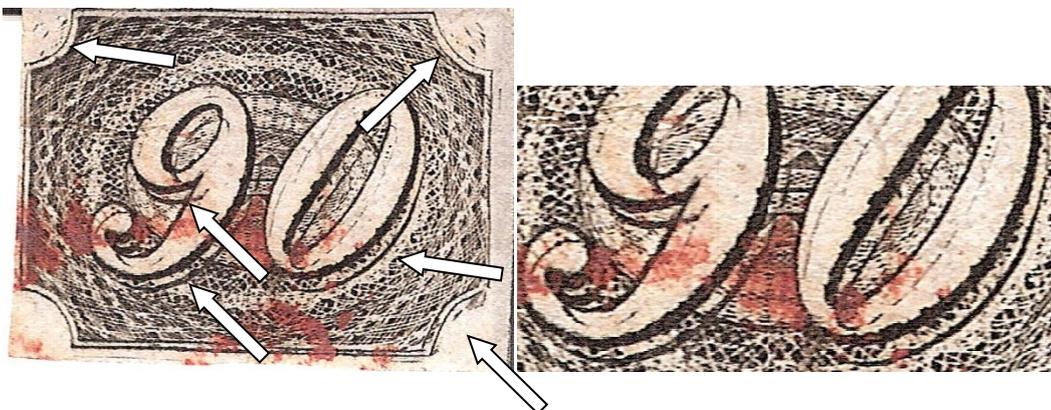
A existência destes defeitos é justamente no bloco enigmático, bastante estudado entre os especialistas da área. Como existiram pelo menos duas matrizes, diminui-se ainda mais a quantidade máxima existente inicialmente, sem contar os destruídos, estragados, etc., uma vez que o selo de 90 Réis também está entre os mais raros individualmente do Brasil. Sendo assim, poucas são as pistas a serem exploradas para que se desvende o famigerado bloco, mas na seqüência procuraremos aventar possibilidades.

Algarismos e quadro retocados

É particularmente excepcional o segundo selo da quarta fileira, que destacamos isoladamente nos exemplares da figura 62. Os diversos pontos específicos anotados permitem constatar que se trata de um tipo de defeito muito peculiar, que atingiu apenas este selo na peça mítica, e que não vimos em outras analisadas ou pesquisadas. Trata-se sem dúvida de um defeito raro, pois o próprio Everaldo Santos portador de coleção distinta dos inclinados possuía na época apenas 3 exemplares, citado em Taveira (2001, p 68): “o selo tipo I da 2ª Coluna e 4ª Fileira apresenta extraordinária reincisão e dele já encontrei três outros exemplares, todos eles do mesmo papel. Começa-se a encontrar exemplares de tão intrigante 3ª chapa”.

O que é muito intrigante, é que trata-se do único retocado do tipo I e não mais no tipo II ou na sua variante.

Figura 62. 90 Réis I com imagem dobrada, posição 2ª coluna 4ª fileira

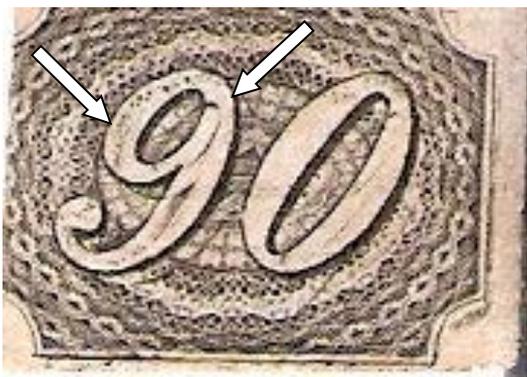




Algarismos, quadro e guilochi retocados

O selo acima deste defeito, também apresenta notáveis reincisões, inclusive com marcas do guilochi no algarismo, como pode-se perceber na figura abaixo na figura 63 e no detalhe.

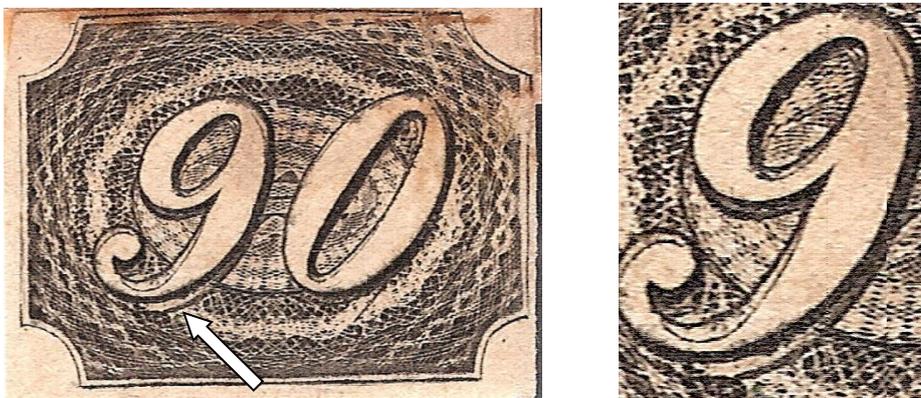
Figura 63.90 Réis. Retocado, posição 3ª Fileira 2ª Coluna



Papel

Outra raridade repertoriada apenas em Taveira (2001, p 106) é o 90 Réis Tipo II a em papel de Olho de Boi novo. O da figura 64 apresenta além disto um duplo retoque, o que o torna extremamente raro. Nota-se novamente que embora o papel seja de Olho de Boi, há reincisão, eliminando a alternativa que o papel mais leve teria gerado os defeitos da série (pode ter sim ampliado).

Figura 64. 90 Réis. Tipo IIa, papel olho de boi, com dupla impressão externa no algarismo 9



Nota-se que o tipo II tradicional em papel olho de boi apresentou o mesmo tipo de defeito dos selos 30 e 60 no papel, ou seja a tinta se concentra em alguns pontos que posteriormente se deterioram (talvez por limpeza deficiente, uso excessivo ou elementos corrosivos mesmo).

HIPÓTESE DOS TIPOS DO 90 RÉIS

Mas seguindo o raciocínio entabulado até agora, surge então uma alternativa coerente de explicação dos tipos do 90 Réis. Se observarmos o tipo I do bloco na figura 61 e o selo da figura 62, **que é do tipo II**, verifica-se que a reincisão é da mesma origem no algarismo 9. A existência de um exemplar do tipo IIa em papel de Olho de Boi (Taveira (2001, p106) e outro (com características um pouco diferentes) na figura 62 reforçam a teoria de que o tipo existiu desde o início e que muito cedo houve a deterioração pois ambos os exemplares apresentam reincisões. Olhando ainda o selo da figura 64, de tipo II e o de cima de tipo IIa com reincisões, percebe-se que certos pontos de concentração de tinta podem ter deteriorado os pontos inferiores do algarismo 9 e do oval para o algarismo 0, que formam o tipo IIa.

Assim, na realidade, o tipo II pode derivar do I (ou a explicação tradicional do buril) e o IIa uma impressão que apresenta retoque que tenha atingido uma leva dos exemplares remanescentes até hoje, pois, novamente, são poucos os 90 Réis comparados aos três valores estudados anteriormente.

Sendo assim, a explicação plausível para o 90 Réis seria que trata-se de um só tipo (I) que por algum motivo teve alterada a matriz na hora de passagem ao cilindro, e que portanto teria gerado a “ordem” alternada da primeira tiragem mista desde o início. O bloco remanescente mítico representaria o intervalo de uma das ordens de retoque de curta duração, e portanto se poucos existiram, muitos foram separados ou perdidos, só nos chegando este. Ele seria o processo retocado em algum momento, só isto. Como ambos os tipos foram gerados pelo tipo I, podem coexistir na ordem do bloco, porque não?

E aí, por alguma maré de azar, a matriz boa do tipo I que não apresentava problemas (vide o bloco) teria se quebrado ou dado perda total. Sobrou o tipo II, já retocado e o IIa, mais preservado, e este servido como matriz de outros ao invés de se fazer novo tipo. O autor aceita sugestões a serem enviadas por email posteriormente.

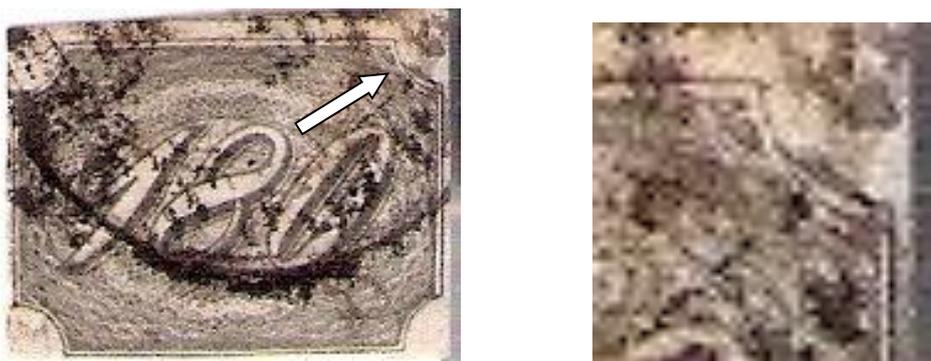
Valores altos

Em 1984 Rolf Harald Meyer descobre a inversão do fundo do 300 e propõe a hipótese da folha única com os 3 valores. A descoberta de diferentes tipos de 180, 300 e 600 é feita no estudo desde 2009 por Denis Forte.

Quadro duplo

O referencial histórico é que o tipo de falha (reincisão, retoque ou dupla impressão) só teria ocorrido nos selos de valor mais baixo, ou seja, 10,30,60 e 90. Entretanto, o caráter excepcional de tal defeito é presente mesmo em selos posteriores, de tiragem muito baixa, como se nota levemente na parte superior do quadro direito do selo de 180 réis abaixo, na figura 65

Figura 49. 180 Réis. Imagem dupla de parte superior do quadro direito



Duplo Guillochi

Figura 50. 180 Réis com suspeita de dupla guillochi



Tipos anômalos?

Figura 51.300 Réis Normal e Indefinido

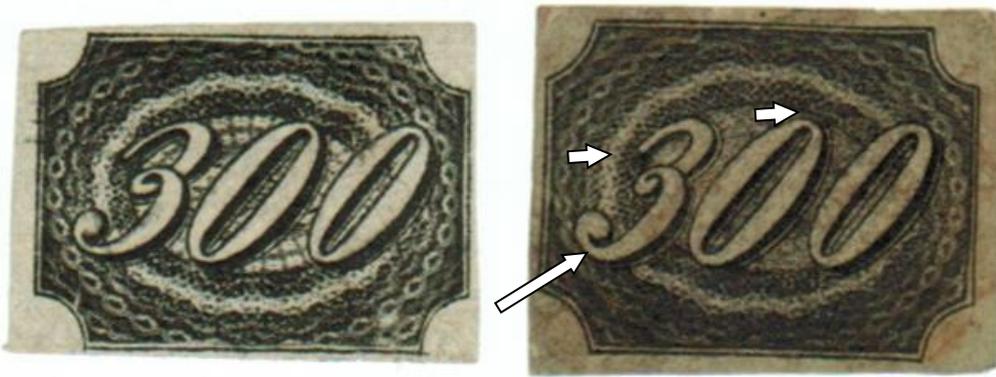
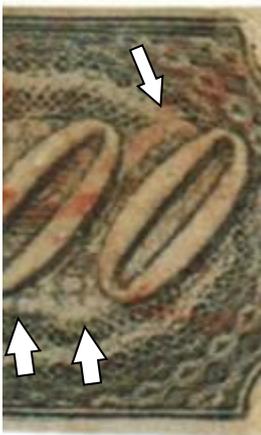


Figura 52.300 Réis Normal e Regravação com deslocamento e zero fantasma?

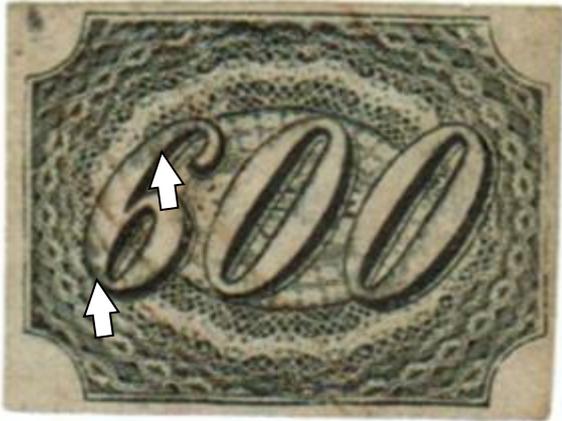


Figura 53.300 Detalhe do zero fantasma?



Guilochi e marcas diagonais de passagem

Figura 54.600 Réis com regravação no guilochi e marcas de passagem



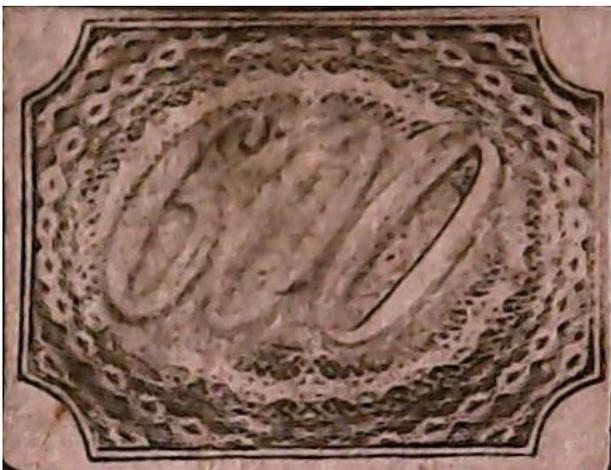
Devem-se pesquisar mais selos desse tipo e característica para se determinar alguma análise possível do ocorrido.

Falsificação

Diversas falsificações foram verificadas no tempo, sendo a grande maioria rudimentares (Spiro e outros) ou mesmo melhores (Mercier) em processo litográfico e fáceis de identificar. Falsificações de fotogravura ficaram perfeitas, mas pela análise de papel não se constituem em risco.

Essa falsificação abaixo chamou muito a atenção, pois o fundo do selo é original e também a base do selo. Uma análise no microscópio identificou entretanto traços do dígito 1, do 10 Réis, levando a concluir que se trata de uma falsificação do 600 até então não registrada.

Figura 71. Falsificação do 600 sobre um 10 Inclinado Genuíno



Considerações finais

O objetivo desse estudo era demonstrar a partir de exemplos reais possibilidades diferentes de interpretação no surgimento de falhas importantes na segunda série de selos brasileiros, os chamados Inclinados.

O que tiramos desse estudo?

Em primeiro lugar observamos que existem selos com imagens duplas nos algarismos, nos quadros e em ambos ao mesmo tempo, muito mais nos selos de menor valor facial (10, 30 e 60 réis), mas também nos outros, reforçando o estudo bastante abrangente e inspirador do Taveira (2001).

Na seqüência percebemos selos com imagens duplas iguais e em estágios diferentes, o que nos levou a crer que houve algum tipo de problema recorrente na chapa, desgastando simultaneamente algarismos, quadro e de forma menos marcante, o guilhochi. Apesar da alternativa de um “início” de rodagem para ajuste de cilindro, a existência de recorrência nos mesmos pontos e agravamento progressivo nos remete à hipótese de reincisões, retoques e desgaste de chapa.

A existência de peças com e sem as características duplas confirmam que houve algum problema no processo de transferência da gravura e de seu molde invertido para o cilindro, uma vez que os selos apresentam diferenças. Poderia ter se dado no processo de impressão, sendo de natureza fortuita, mas como foi observado anteriormente, imagens duplas iguais descartariam a possibilidade. E por fim, complementando o raciocínio de desgaste, sendo a chapa de cobre, existiram expansões ou reduções na chapa que alteraram suas características físicas, como um dos lados menores, por exemplo.

Outros tipos de defeito advindos de tinta e papel demonstraram que houve falta de padronização e de controle de qualidade, senão no processo de fabricação, na saída permitindo que peças imperfeitas circulassem. Como trata-se do segundo país emissor de selos do mundo, em um país que tinha pouca experiência em tecnologia e mão de obra deficiente, não há o que se reclamar, com certeza.

Inferências envolvem riscos e críticas, mas valem a pena de serem tomadas para que tenhamos algumas explicações possíveis aos elementos apresentados. Cabe aos leitores e pesquisadores novos achados e contribuições para entendermos melhor o processo de tão especial emissão de selos.

Referências Bibliográficas

CLEROT, Leon.F. “As impressões Duplas ou “Re-entries” nos selos de 1844. Brasil Filatélico. Jan. Mar 1979. P. 30-32 CLUBE FILATÉLICO DO BRASIL. Disponível em <http://www.clubefilatelico brasil.com.br/expo/filatradicional/180.htm> Acesso em 16/03/2009.

FERREIRA, Sandro de Freitas; RESENDE FILHO, Moisés de Andrade. Aplicação do método de preços hedônicos na precificação de atributos raros de peças filatélicas e construção de carteiras eficientes. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 469-498, June 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612010000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-41612010000200008>.

GUATEMOSIM, D. A Procura da Verdade - Quem gravou as matrizes dos Olhos de Boi. O Philatélico. Ano I numero VIII, março de 1926.

JACQUES, Anna Maria. Inclinados 60 Réis tipo III. Boletim da Sociedade Philatelica Paulista, agosto de 2005, ps.12 -18.

MACEDO, A. Os inclinados. Brasil Filatélico ano XIX,n 89, P.38-45, Dez 1950.

MEYER, P. Catalogo de Selos do Brasil. Editora RHM, 2019.

ROSEN, S. Hedonic prices and implicit markets: product differentiation in pure competition. *Journal of Political Economy*, v. 82, p. 34-55, Jan./Feb. 1974.

SANTOS, Everaldo. O maior desafio do filatelista de Brasil. Apostila impressa em Março de 1992.

SANTOS, Rui, C. Estudo da emissão D.Pedro II – 1866-1876. Editor Rui C. Santos, 1988.

SUARNET, A. Toute La gamme dès varietés des bleus de France– 1849-1948. Editions Gallia Provins. Est. 1953.

STUDART, Marcel, G.C. Falsificações e Fraudações na Filatelia Brasileira. Brasilia, 1995.

TAVEIRA, Walter.Gonçalves. Brasil 1844-1846: Slanted Numerals Handbook. Selos do Império do Brasil 2a Estampa. Editora o lutador, 2001.

Anexo

B1 A1 A2 ou B2 A3 ou B3 A4
Branco 45µ Amarelo 45µ Am/Bra 60 µ Am/Bra 70 µ Am/Bra 80 µ



B1 A1 A2 ou B2 A3 ou B3 A4
Branco 45μ Amarelo 45μ Am/Bra 60 μ Am/Bra 70 μ Am/Bra 80 μ



Termino por lembrar que é a primeira tentativa feita de se classificar dessa forma. Estão portanto sujeitas a erros e falhas, que esperamos que os leitores sugiram alterações quando forem verificados.